

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 20 a 28 de outubro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUE DA SEMANA

Diante da consumação do pleito presidencial no último fim-de-semana, quando essa edição desse Clipping deveria ser divulgada, resolvemos adiá-la para hoje, a fim de evitarmos a publicação de uma edição extra. Assim, o Destaque da Semana é, obviamente, o resultado das eleições presidenciais.

Proclamado esse resultado, as reações da maioria das análises, no “day-after”, são de que o país emergiu dividido das urnas. No entanto, diante de um quadro que nos parece muito mais complexo do que a comparação entre os percentuais de votos de cada candidato, divergimos dessa análise simplista, abraçada por inúmeros formadores de opinião.

Qualquer analista experiente sabe que a escolha de números para sua análise é quase sempre "quântica", no sentido de o resultado de uma observação depender do objetivo do observador. Por exemplo, se nessas eleições se quiser demonstrar que este o aquele candidato foi rejeitado pela Nação, basta somar aos votos do seu oponente os mais de trinta milhões de votos brancos e nulos. Nesse caso, a rejeição será da ordem de 90 milhões de votos, pra lá ou pra cá. Ou seja, sob essa ótica, que adotamos aqui, a maioria dos brasileiros (mais de 51%) rejeitou um ou outro postulante à Presidência da República.

Com efeito, o resultado das eleições, sob esse prisma, sugere que, **em vez de uma divisão no país, o que existe é uma insatisfação generalizada na população.** Portanto, buscar culpados ou responsáveis pela vitória de um candidato ou a derrota do outro, seja nesse ou naquele Estado da Federação, ou nessa e naquela camada da sociedade, nos aparece ser um exercício tão fútil, que pode confundir mais do que esclarecer.

Seguindo essa linha de raciocínio, embora tendo um “eleito”, essa eleição não teve, definitivamente, um vencedor e um vencido. Além disso, ela deu um recado claro a todas as lideranças políticas do País: a maioria da população está insatisfeita com essas lideranças. Na prática, isso equivale dizer que as urnas clamaram por uma mudança mais profunda do que as mudanças propostas pelos candidatos.

Diante de tais conclusões, e se elas forem válidas, o que temos pela frente, é o desafio de unir antagonistas ideológicos em torno do interesse da Nação, cujo povo, ao que tudo indica, não aceita mais os atuais modelos de gestão pública e de se fazer política. Que o povo não se importa com quem esteja no Governo, mas sim com o que o Governo esteja efetivamente fazendo pelo bem de todos (saúde, educação e segurança) e pelo progresso do País (crescimento econômico, controle da inflação, expansão da infra-

estrutura, fomento ao empreendedorismo e austeridade fiscal). Aliás, ao que parece, foi essa atitude divergente do modelo vigente que esteve por trás das explosivas manifestações públicas ocorridas em 2013.

Diante desse quadro, caberia às lideranças políticas compreender que, em vez de se empenharem em ampliar seu espaço nas regiões ou nas camadas sociais em que supõem precisar “crescer”, a hora é de parar com a politicagem e começar a trabalhar, efetivamente, pelo Brasil, que tem carências enormes de infraestrutura, educação, segurança e saúde. Essas lideranças precisam aceitar que a disputa acabou, e que é hora de dialogar deixando de lado os "ideologismos" e as meias-verdades convenientes, buscando construir um soluções práticas, pondo em prática uma estratégia que foi muito bem resumida pelo reformista chinês Deng Xiao Ping, quando, se referindo à inconveniência da ideologização exacerbada da gestão pública, ensinou que: "não importa a cor do gato, o importante é que ele pegue o rato".

Finalmente, é preciso ter-se em mente que tanto o Governo quanto a oposição tem pela frente, mesmo antes do início do mandato, uma situação caracterizada por uma superposição de crises. Há uma crise hídrica e uma crise energética, ambas profundas e já em andamento, cujo agravamento pode resultar em aumento de inflação e desabastecimento, alimentando problemas que podem gerar outras crises. Se somarmos a isso os riscos sinalizados pelo desdobramento dos recentes escândalos de corrupção e o cenário internacional adverso, marcado pela valorização do dólar e pela queda de preços das commodities, já não há mais espaço para improvisos, equívocos ou empirismos na condução das políticas públicas. É fazer o que é certo, ou “game over”!

A grande rejeição, de ambos os lados, indica que os brasileiros clamam por um Estado eficiente, e não por justificativas ideológicas para a ineficiência do Estado. Portanto, o que o Brasil precisa nesse momento, segundo o conselho das urnas, é de um grande consenso nacional pela eficiência e transparência na gestão pública, e isso não será obtido com o acirramento de velhos antagonismos.

Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-20/10/2014

Las Bambas, um investimento de dez bilhões de dólares

A chinesa MMG comprou a gigantesca mina de cobre de Las Bambas, no Peru, por 7 bilhões de dólares da Glencore. Agora a MMG informa que ainda deverá investir mais US\$3 bilhões para finalizar a construção da mina. Os chineses esperam iniciar a produção ainda em 2016 na mina que será a terceira maior do mundo e fará o Peru se colocar como o segundo maior produtor de cobre do planeta.

Fonte: www.geólogo.com.br

2-20/10/2014

Vale: Operações com governo da Indonésia podem se estender até 2045

SÃO PAULO - A Vale anunciou nesta sexta-feira que a subsidiária PT Vale Indonésia assinou aditivo ao seu contrato de trabalho de 1996, que expirará em dezembro de 2025, com o governo da Indonésia. A empresa tem a partir de agora o direito de estender suas operações até 2045, por dois períodos consecutivos de 10 anos, sujeito à aprovação do governo do país.

O aditivo do contrato compreende redução imediata do tamanho atual da área concedida em 38%, de 190.510 hectares, que inclui as áreas de proteção ambiental, para 118.435 hectares, preservando as áreas de mineração mais relevantes.

No vencimento do contrato em dezembro de 2025, a companhia manterá 25.000 hectares como zonas mineralizadas que propõe explorar. As áreas não designadas como zonas mineralizadas após essa data podem ser utilizadas para operações ou outros fins.

Segundo o comunicado, isso representa uma renegociação do espaço territorial da concessão, o qual será suficiente para suportar os investimentos e planos de crescimento de longo prazo da Vale Indonésia.

O aditivo prevê também um royalty progressivo de 2%, podendo alcançar 3% dependendo do preço do níquel, com o objetivo de refletir a realidade econômica do mercado de níquel.

Há ainda exigência para a subsidiária da mineradora brasileira vender mais 20% de suas ações para investidores locais na Bolsa de Valores da Indonésia. Esse requerimento está alinhado com a exigência do governo para mineradoras integradas terem pelo menos 40% de suas ações detidas por investidores locais. A companhia tem mais de cinco anos para executar essa transação. A Vale informa ainda que manterá seu direito por 80% sobre a produção da subsidiária.

“O aditivo é consistente com o objetivo da Vale de gerar valor no longo prazo para os seus acionistas e os acionistas da Vale Indonésia e contribuir com o desenvolvimento do país”, afirma a empresa no comunicado. Esse aditivo também estabelece a base para a otimização do fluxograma global do negócio de metais básicos da empresa, diz o aviso.

3-20/10/2014

Thyssen define orçamento de R\$ 2 bilhões para Brasil

Por **Olivia Alonso e Ivo Ribeiro** | De São Paulo

A ThyssenKrupp elaborou um plano para seus negócios no Brasil nos próximos cinco anos com a previsão de investir R\$ 2 bilhões. O valor é referente a seu orçamento em novas atividades e também na manutenção de suas operações industriais no país. Se comparado com o total dos aportes em todo o mundo, o volume de recursos é expressivo e "mostra a confiança da empresa no país", afirma Michael Höllermann, presidente da companhia na América do Sul e Central.

Vão corresponder por aproximadamente R\$ 400 milhões ao ano destinados às 14 unidades já existentes e também a novas operações locais. O valor corresponde por um décimo dos investimentos do grupo alemão em todo o mundo, de € 1,4 bilhão anuais.

O dinheiro será usado em tecnologia, produtos, processos e em manutenção, inclusive do negócio de siderurgia, a CSA, no Rio, que responde por mais da metade da receita na região. O orçamento também inclui investimentos correntes nas demais áreas e a nacionalização de operações. É o caso da linha de usinagem para eixos para correias de máquinas agrícolas e de construção. Hoje, esses produtos são importados de unidade na Itália.

O bom andamento do negócio de elevadores e a expectativa de crescimento do país justificam o investimento, apesar do momento mais difícil agora, diz o executivo da Thyssen. Neste ano, a empresa sofreu com o enfraquecimento de alguns mercados importantes para suas receitas, como o automobilístico e o de construção. "Oscilamos com o mercado em vários segmentos. Foi um ano complicado", resumiu. Ele acredita que 2015 ainda será um ano de insegurança e que a empresa volta a ter um crescimento próximo do potencial em 2016.

As cinco grandes divisões da empresa são componentes para indústria (com destaque para automotiva) e infraestrutura, elevadores, soluções industriais, de serviços de materiais e aço.

"Para médio e longo prazos, seguimos otimistas com o Brasil. A necessidade de infraestrutura no país gera expectativas de uma demanda interessante", afirma Höllermann. Ele foi incumbido de conduzir todas as operações brasileiras do grupo, de maneira integrada e centralizada, há dois anos.

Agora, é também o responsável nos demais países da região, que somou faturamento de R\$ 9,5 bilhões no ano passado. No grupo há 22 anos, ele chegou à ThyssenKrupp brasileira em 1996. De 1999 a 2004, ficou por três anos no México e outros três na Alemanha. Em 2005, retornou ao país.

Enquanto ainda conclui a venda da maior parte da RIP Serviços Industriais, em Indaiatuba (SP) - o serviço feito à CSA continua com o grupo -, a empresa coloca em sua estratégia novas áreas para tentar ganhar espaço na região. Estão na lista o setor agrícola, energia eólica, cimento, cana-de-açúcar, mineração e autopeças.

Em óleo e gás, área que a empresa alemã vem estudando há um ano no país, Höllermann diz que os primeiros resultados já aparecem. "Conseguimos pedidos para fabricar componentes para fornecedores da Petrobras ", afirma. Outra área vista com otimismo pela companhia é a de componentes para setor aeronáutico. A Thyssen já é fornecedora da Embraer, com produtos feitos em Taubaté (SP), e diz que o atual patamar de câmbio tem dado alívio ao seu cliente.

Entre os projetos em andamento, a Thyssen vai começar a distribuir as primeiras amostras de componentes para automóveis feitas em sua nova unidade de Poços de Caldas (MG), que recebeu investimentos de R\$ 100 milhões. Também está abrindo um centro de serviços para as áreas de mineração e cimento na capital mineira e dando continuidade à expansão da operação de elevadores em Guaíba (RS).

4-20/10/2014

CSA busca plena normalidade das operações, mercado e lucratividade Por Ivo Ribeiro e Olivia Alonso | De São Paulo

Por um bom tempo, desde que iniciou a operação de sua usina de aço no distrito de Santa Cruz, Estado do Rio, em junho de 2010, a ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA) enfrentou uma série de reveses. De problemas operacionais e de natureza ambiental até o desgastante processo de tentativa de venda da empresa pelo grupo alemão ThyssenKrupp.

Essa fase difícil vai se tornando uma página virada, garante a empresa. A prioridade do grupo alemão hoje é consolidar a estabilização operacional de todas as instalações, do alto-forno à sua termelétrica, para obter melhor desempenho, ao mesmo tempo que busca se posicionar em novos mercados para placas, como os de América do Norte e do Sul.

Essa é uma das missões do engenheiro metalúrgico, nascido em Minas, Walter de Castro Medeiros, presidente da empresa desde 1º de junho. O executivo tem uma carreira de 26 anos no grupo, onde exerceu diversos cargos. Outra tarefa, a partir daí, é perseguir a lucratividade, justo quando a indústria mundial do aço enfrenta um dos seus piores momentos. O lucro, na última linha do balanço, não é vislumbrado a curto prazo. Para o ano fiscal 2014/2015, que teve início neste mês, a meta é de equilíbrio do negócio (nem perda nem ganho).

Medeiros lembra que a fase de sangria de dinheiro da siderúrgica foi estancada, trazendo tranquilidade para a CSA. "A empresa vive um bom momento de ocupação da sua capacidade, de motivação das pessoas que lá trabalham e de performance operacional, com evolução positiva nos últimos 12 meses", diz o executivo.

A CSA sobreviveu nestes anos com suporte financeiro da sócia controladora, a ThyssenKrupp Slab International (TKSI), que concedeu empréstimos que foram renovados ao fim de cada ano fiscal. Um dos mais recentes foi de US\$ 1,25 bilhão. Além da controladora, a empresa tem dívida escalonada de dois financiamentos do BNDES (total de R\$ 2,4 bilhões, sem juros), com amortizações que vão até 2021.

A siderúrgica é integrada a carvão e minério de ferro, apta a produzir 5 milhões de toneladas de placas, produto semi-acabado de baixo valor agregado. O complexo industrial, que iniciou a construção em 2007, tem ainda um terminal portuário próprio e uma termelétrica de 490 MW de potência que opera recuperando vapores e gases da usina de aço.

O projeto, montado por Thyssen e Vale - fornecedora exclusiva do minério de ferro até 2025 -, extrapolou, com atrasos e aumentos de custos, o valor do orçamento de instalação, atingindo cerca de US\$ 8 bilhões. No início, a Vale tinha 10% da CSA, porém em 2009, teve de elevar sua participação a 27%, com aporte de capital para terminar a obra.

Medeiros contou ao **Valor** que, além contrato de venda de 2 milhões de toneladas ao ano, até 2019, com a laminadora americana de Calvert (ArcelorMittal e Nippon Steel), a CSA já vem ampliando vendas para os mercados dos EUA e México. No Brasil, vende para CSN e Usiminas; na Alemanha, para ThyssenKrupp Steel.

O executivo informa que a empresa tem a vantagem de fabricar placas (cerca de 55%) específicas para aplicações nobres: indústria automobilística e indústria de tubos para o setor de petróleo e gás. "Isso nos diferencia em relação aos chineses e russos", diz. Com isso, obtém prêmios ante os preços do mercado internacional.

A siderúrgica prevê operar aos menos ao nível do desempenho do terceiro trimestre (abril a junho), com 1,1 milhão de toneladas de placas trimestralmente daqui para frente. Mantido, esse ritmo significa utilização de 90% da capacidade instalada - produção na faixa de 4,5 milhões de toneladas para este novo ano.

O foco comercial são os mercados de aços laminados para carrocerias de automóveis e a indústria de material tubulações de óleo e gás. Mas a empresa vê oportunidades pelo mundo, como as compras de outras siderúrgicas durante reformas de seus altos-fornos. "É um mercado relevante, pois ocorreu no setor muita contenção dos investimentos".

A empresa busca também melhorar a performance da térmica, cuja geração é mais da metade (250 MW) destinada ao mercado livre de energia do país. O restante é para consumo próprio.

O balanço do ano fiscal 2014, encerrado em 30 de setembro, será divulgado em 20 de novembro, junto com o resultado global do grupo. A espera é por ganho operacional, com base no resultado acumulado de nove meses. No entanto, alerta Medeiros, a empresa deve sofrer impacto do câmbio com alta do dólar no trimestre passado. As

compras de carvão e minério de ferro são dolarizadas. Há o alívio da queda dos preços das duas matérias-primas, mas também influencia o preço do aço.

No terceiro trimestre (fim de junho), a CSA teve ganho, antes das despesas financeiras, de € 16 milhões. A receita de vendas foi de € 441 milhões. Até o balanço de 2012, a CSA acumulou perdas de R\$ 12,4 bilhões e teve de fazer duas grandes baixas contábeis. No ano passado, conseguiu melhorar o desempenho: fechou com prejuízo de R\$ 1,3 bilhão.

A situação do setor não é nada boa no mundo, diz Michael Hollermann, presidente do grupo ThyssenKrupp na América do Sul e Central. "95% estão operando no prejuízo. Na Europa, só duas empresas lucraram". Cauteloso, Medeiros diz que a CSA traçou metas que possam ser atingidas com melhorias de performance e redução de custos em todas unidades operacionais. Hoje, a empresa tem 5,5 mil funcionários: 3 mil próprios e 2,5 mil terceirizados.

5-20/10/2014

Licença de Instalação concedida para o Projeto Braúna da Lipari Mineração

Com isso, a implantação da primeira mina de diamantes da América Latina está prestes a ser iniciada

NORDESTINA, BAHIA – O Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), órgão ambiental do Estado da Bahia, concedeu a Licença de Instalação (LI) à Lipari Mineração Ltda. para o Projeto Braúna. A concessão foi publicada no Diário Oficial do Estado na edição da última quarta-feira, 15 de outubro de 2014, e autoriza a empresa a iniciar o processo de implantação do empreendimento.

“Este é um marco muito importante e aguardado por nós, porque significa a permissão para iniciarmos a construção e instalação da Mina de Diamantes Braúna. Além disso, é mais uma confirmação da nossa atuação responsável com todos os processos que envolvem o empreendimento, especialmente as questões socioambientais”, comemorou o presidente e diretor executivo da Lipari Mineração, Ken Johnson, referindo-se especialmente ao cumprimento das 35 condicionantes da Licença Prévia (LP) ambiental.

“A LI nos permite iniciar a construção da primeira mina de diamantes da América Latina desenvolvida em rocha kimberlítica, a principal fonte primária do mineral”, complementou o executivo. Com mais esta etapa superada, a empresa dá continuidade ao planejamento da implantação do Projeto Braúna. Os próximos passos estarão focados na consolidação de contratos e parcerias, mobilização dos prestadores de serviços e na execução dos programas socioambientais. “A nossa expectativa é que nos próximos meses as máquinas já estejam trabalhando nas atividades iniciais de terraplanagem e obras civis. A partir daí, haverá um sequenciamento das demais fases da implantação da unidade industrial e de suas respectivas estruturas complementares”, explica Johnson.

Algumas etapas já estão bem adiantadas, a exemplo da aquisição dos componentes da planta de beneficiamento de minérios. Estes equipamentos encontram-se armazenados no local da construção e instalação do projeto desde agosto e foram transportados para Nordestina em 27 carretas com 36 contêineres e 13 equipamentos de grande porte. Além disso, a empresa está em processo de contratação de profissionais sêniores para compor as equipes e gerências de alguns setores imprescindíveis à implantação.

A Lipari Mineração assumiu o compromisso com a comunidade de Nordestina de priorizar a contratação de mão de obra local e regional. Para isso, a companhia está em processo de consolidação de parceria com uma instituição de ensino especializada na capacitação e atualização profissional e, desta forma, contribuir com a empregabilidade da população economicamente ativa da área de influência do Projeto.

Sobre o Projeto Braúna: O Projeto Braúna integra 22 ocorrências de kimberlito e será a primeira mina de diamantes da América Latina desenvolvida em rocha kimberlítica, a principal fonte primária do mineral. A entrada em operação do Projeto Braúna aumentará em cinco vezes a produção de diamantes do Brasil. Nesta primeira fase do projeto, cujo alvo é o kimberlito denominado Braúna 3, estima-se a extração de 4,9 milhões de toneladas de kimberlito do lobo sul, produzindo cerca de 2,5 milhões de quilates de diamantes durante os primeiros 7 anos de operação a céu aberto. A mina possui grande potencial para estender a vida útil da operação através de lavra subterrânea e do desenvolvimento de recursos adicionais associados às demais ocorrências de kimberlito que foram descobertas nas áreas de concessão da empresa.

Até o momento, a Lipari já investiu no empreendimento mais de R\$ 84 milhões em pesquisa, exploração e planejamento. Cerca de R\$ 100 milhões serão investidos no próximo ano e meio com a implantação da mina. Na fase de construção e montagem do projeto haverá um impacto direto com a criação de aproximadamente 350 postos de trabalho diretos. Em seu pleno funcionamento, a perspectiva é que a mina empregue cerca de 300 trabalhadores diretos e contribua para o surgimento de mais de 3.500 postos de trabalho indiretos.

Sobre a Lipari Mineração: A Lipari Mineração Ltda. é uma empresa brasileira, de capital privado, com vasta experiência na exploração, desenvolvimento e exploração de recursos minerais, especificamente diamante. Focada na lavra e tratamento de depósitos diamantíferos no Brasil, sua estratégia é construir uma empresa pautada no crescimento e excelência no mercado da mineração e venda de diamantes brutos.

Fonte: Lipari Mineração Ariluz Fernandes

6-20/10/2014

CEO DA BRAZIL RESOURCES ASSUME CONSELHO CONSULTIVO CRIADO PELA CALLINEX

A canadense Callinex Mines anunciou ao mercado, na última quarta-feira (15), a criação de um Conselho Consultivo para fornecer orientação estratégica para sua equipe de gestão. Entre os nomeados está o CEO da Brazil Resources, Stephen Swatton. O executivo tem mais de 28 anos de experiência no setor de mineração e, antes da Brazil

Resources, passou por BHP Billiton e Rio Tinto, duas das principais mineradoras do mundo.

Os outros membros do novo Conselho são Jayant Bhandari, analista Sênior da Anarcho Capital, Jason Dunning, presidente da Headframe Geoscience e o fundador da Clarion Finance, Carlo Civelli, que assumirá a presidência do Conselho. "A entrada coletiva de grandes nomes do mercado vai ajudar a empresa a desenvolver seu portfólio de projetos", afirmou Max Porterfield, presidente e CEO da Callinex.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

7-21/10/2014

Ex-líder da Xstrata promete mais uma potência global da mineração

Por **Alexis Flynn | The Wall Street Journal, de Londres**

Mick Davis construiu duas gigantes da mineração nos últimos 20 anos. Será que vai conseguir começar do zero de novo?

Davis, que tem 56 anos, está voltando ao ringue num momento em que BHP Billiton e Anglo American PLC tentam vender ativos desfavoráveis. Ele está procurando erguer outra potência mineradora depois que, em 2013, a empresa anglo-suíça que ele presidiu por uma década, a Xstrata PLC, foi adquirida pela Glencore PLC, liderada pelo seu colega sul-africano Ivan Glasenberg. O acordo foi inicialmente concebido como uma fusão de iguais em que Davis seria o diretor-presidente. Mas diante da resistência de acionistas importantes da Xstrata, Glasenberg redesenhou o negócio como uma aquisição e ficou com o cargo principal.

O novo empreendimento de Davis, a X2 Resources, já levantou cerca de US\$ 4,8 bilhões de vários investidores, inclusive a negociadora de commodities Noble Group e a firma de private equity TPG.

O retorno dele, ao lado de uma equipe formada, em sua maioria, por veteranos da Xstrata, ocorre em meio a uma queda nos preços das commodities que está pressionando as mineradoras a enxugar seus portfólios.

"Achamos que há uma oportunidade confiável para investir", disse Davis ao The Wall Street Journal, em sua primeira entrevista desde que saiu da Xstrata, em maio de 2013. "Estamos agora num período de queda cíclica que aumenta as oportunidades que achamos que vale a pena capitalizar", disse. "Em 2001, quando começamos a Xstrata, ninguém acreditava que haveria uma demanda crescente [por commodities]." Incluindo financiamentos através de dívida, Davis pode ter acesso a uma soma de até US\$ 16 bilhões, diz um banqueiro que ajudou o executivo na captação de recursos.

O currículo de Davis inclui duas mineradoras grandes que ele fez crescer através de aquisições oportunas. Como diretor financeiro, ele ajudou a desenvolver a Billiton PLC depois que a empresa comprou os ativos de mineração da Royal Dutch Shell, em 1994. Ele então ajudou a orquestrar a megafusão com a BHP, em 2001, antes de ir para a Xstrata, uma pequena empresa que se tornou a quinta maior mineradora do mundo após uma série de grandes negócios.

Repetir esse sucesso, porém, pode ser difícil. Apesar das recentes quedas de preços, o boom vivido pelas commodities desde cerca de 2000 inflou o valor dos ativos. Muitos participantes do setor dizem que as chances de se comprar ativos de mineração de boa qualidade são pequenas.

A BHP Billiton recusou, em meados desse ano, um acordo com a X2 envolvendo ativos de carvão, manganês e níquel avaliados em até US\$ 18 bilhões, segundo pessoas a par do assunto. Em vez disso, a BHP informou, em setembro, que vai desmembrar os ativos numa nova empresa.

Davis não comentou sobre esse negócio específico ou se há outras transações nos planos. A BHP também não quis comentar.

Davis permanece confiante que pode fechar negócios com as grandes mineradoras. "Se oferecermos a eles um preço que faz sentido, que é lógico e que se enquadra nos seus planos estratégicos, e oferecermos uma solução a eles que permitirá que abordem a estratégia de forma mais rápida ou melhor, bem, para mim, a pessoa racional aceitaria", disse ele.

Davis acrescentou que os investidores deixaram de acreditar que o crescimento dos países emergentes criaria uma demanda forte e contínua por commodities. Isso significa que existem ativos de mineração sendo negociados com descontos "razoáveis" ante seu valor real.

"Temos uma visão alternativa, temos uma convicção", disse Davis, observando que agora é "quase impossível" captar recursos para um empreendimento como a X2 nos mercados acionários tradicionais, com grandes fundos de investimento mais preocupados em ver as mineradoras gerarem retorno para eles através de dividendos maiores ou recompra de ações.

Outros ex-líderes de grandes mineradoras de capital aberto também se voltaram para o financiamento privado.

Este mês, Aaron Regent, diretor-presidente da Barrick Gold Corp. até 2012, se uniu ao Temasek, fundo soberano de Cingapura, para comprar ativos de nióbio e outras terras raras da mineradora canadense Iamgold Corp., por US\$ 500 milhões.

Em 2012, o ex-presidente da Vale, Roger Agnelli, criou com o banco BTG Pactual uma empresa, a B&A Mineração, para investir em fertilizantes, minério de ferro e cobre.

Outros pesos pesados do setor também montaram fundos, inclusive Lloyd Pengilly, ex-executivo do banco J.P. Morgan.

Enquanto Davis tenta consolidar a X2, seu velho rival Glasenberg agita a indústria da mineração ao propor uma fusão de US\$ 160 bilhões da Glencore com a Rio Tinto. A Rio Tinto recusou a proposta, feita em julho.

A X2 instruiu os bancos a analisarem ativos que a Anglo American poderia vender, como minas de carvão na África do Sul, dizem pessoas a par do assunto. A Anglo American não quis comentar.

Davis disse que tem como alvo commodities como carvão e manganês, mas metais básicos como cobre, minério de ferro, chumbo e zinco interessariam a ele se encontrasse a mina certa. Ele disse ainda que a X2 poderia comprar ativos na África do Sul, onde frequentes agitações trabalhistas e gargalos na infraestrutura deixaram as grandes mineradoras ansiosas por sair do país.

"Somos sul-africanos, entendemos o país e o ambiente. Achemos que existem bons ativos lá e alguns onde eu ficaria feliz em investir", disse.

(Colaboraram Shayndi Raice e Gillian Tan.)

8-21/10/2014

Homem de negócios

Por **The Wall Street Journal**

A carreira de Mick Davis no setor de mineração

1993-1997: Torna-se diretor financeiro da Gencor Ltd., que compra os ativos de mineração da Royal Dutch Shell. A empresa passa a se chamar Billiton PLC.

2001: Davis ajuda a orquestrar a fusão de US\$ 28 bilhões entre a Billiton e a BHP, mas sai para se tornar diretor-presidente da Xstrata, comprando ativos de carvão da Glencore por US\$ 2,5 bilhões.

2009: Propõe a fusão da Xstrata com a Anglo American, mas a oferta é rejeitada.

2012-2013: Xstrata e Glencore anunciam uma "fusão entre iguais", um negócio de US\$ 90 bilhões. Os acionistas da Xstrata resistem ao negócio e a Glencore acaba comprando a Xstrata por meio de uma oferta hostil, levando à saída de Davis.

2014: Davis anuncia a criação de um novo fundo voltado para o setor de mineração, o X2 Resources, captando até US\$ 4,8 bilhões.

9-21/10/2014

Combate a traficantes derruba exportação de minério do México

Por **The Wall Street Journal**

As exportações de minério de ferro do México devem despencar para 2 milhões de toneladas este ano, ante 10 milhões em 2013, diz Mario Cantú, coordenador geral de minerais do país. Ele explica que isso é reflexo de novas regras que visam combater os cartéis de drogas, que passaram a diversificar seus negócios e a investir também no setor de mineração.

10-21/10/2014

Usiminas tenta retomar rotina de normalidade

Por **Ivo Ribeiro | De São Paulo**

Em meio à disputa societária travada por seus dois principais acionistas - a japonesa Nippon Steel & Sumitomo e a argentina Ternium -, a Usiminas procura tocar, sem influência do conflito, o dia a dia da empresa. De atividades de produção e distribuição de aço até mineração de ferro e fabricação de bens de capital, passando pela gestão administrativa.

A mensagem do presidente interino, Rômelo de Souza, é que o maior problema a ser enfrentado na empresa neste momento é a crise de mercado do setor de aço, cuja demanda no país está em retração. Por isso, pediu coalizão interna de todos os funcionários, conforme apurou o **Valor** com fontes, para que a companhia não seja afetada pelas desavenças dos acionistas controladores.

Em reunião com funcionários da usina de Ipatinga (MG) e da sede em Belo Horizonte, ao longo da semana passada, o executivo declarou que o foco é no aumento da produtividade e redução dos custos (que ainda estariam altos devido a ineficiências operacionais), no tripé produzir, vender e entregar e na reestruturação do departamento de recursos humanos, visando maior valorização dos funcionários da Usiminas.

Souza assumiu a presidência da siderúrgica mineira em 26 de setembro, indicado para substituir temporariamente Julián Eguren, que foi afastado em uma tensa eleição do conselho da companhia no dia anterior. A reunião do conselho de administração, bem como suas decisões, que tiveram suporte da Nippon Steel e de dois acionistas minoritários, são alvo de uma ação da Ternium na Justiça de Minas Gerais.

Depois de Ipatinga e da sede, Souza deverá se reunir com empregados de outras unidades, como a usina de aço de Cubatão (SP). Ele busca intensificar a aproximação com os empregados, um dos alvos de questionamento da gestão de Eguren. A reclamação é que o executivo argentino tocava a empresa do escritório comercial de São Paulo.

Embora com gestão temporária, Souza disse que uma das suas metas imediatas é rever a estrutura organizacional do RH, muito burocrática. Há sete níveis do primeiro gerente ao presidente da empresa. Vai buscar, com isso, criar políticas que injetem maior estímulo ao quadro - que estaria com boa parte de pessoas desmotivadas. Hoje, segundo informações, a empresa vem perdendo técnicos de níveis operacional e administrativo para concorrentes.

Segundo o executivo, muitos custos na empresa precisam ser cortados, mas de maneira responsável, para empresa reforçar sua competitividade. E que a Usiminas tem de manter a posição de liderança de mercado em várias áreas, caso do setor automotivo, com fornecimento de aços premium. "O que está em jogo é o futuro da Usiminas", afirmou.

11-21/10/2014

Corte de produção até 2016 deve somar 230 milhões de toneladas, diz Goldman Por Olivia Alonso | De São Paulo

Ao menos 230 milhões de toneladas de minério de ferro deixarão de ser produzidas até 2016 em todo o mundo, com o fechamento de minas de altos custos de produção. A previsão é de Christian Lelong, diretor executivo de commodities do Goldman Sachs. Em passagem pelo Brasil, ele disse que o novo patamar de preço da commodity está tirando do mercado principalmente mineradoras chinesas, que devem ter redução de produção 130 milhões de toneladas até 2016.

Mas os cortes não chegam a equilibrar o mercado, já que existe um aumento bem mais expressivo da produção previsto para os próximos anos. Apenas na China, são esperadas 20 milhões de toneladas novas ao ano. No Brasil e na Austrália, novos projetos vão adicionar cerca de 200 milhões de toneladas até 2016. "2014 será o primeiro ano de superávit no mercado global", afirma Lelong, autor do estudo "O fim da era do ferro", publicado em setembro.

"Enquanto a oferta de minério de ferro cresce entre 9% e 10% ao ano, o consumo e a produção de aço cresce de 2% a 3%. O excesso de oferta está crescendo três vezes mais do que a demanda", diz.

Com essa realidade, o setor terá empresas cada vez mais competitivas, eficientes e mecanizadas, diz Lelong. E o mercado vai se acostumar com pilhas cada vez maiores de estoques de minério de ferro. Neste ano, o Goldman calcula aumento de 23 milhões de toneladas apenas na China.

"E a tendência é de preços em queda", afirma. Lelong calcula um preço médio de US\$ 102 por tonelada neste ano, US\$ 80 no ano que vem e US\$ 79 no ano seguinte.

"Achamos que o mercado pode ter uma modesta taxa de deflação, de 2% ou 3% ao ano", diz. Ontem, o minério com teor de 62% de ferro foi negociado a US\$ 81,20 por tonelada no mercado à vista da China. Neste ano, acumula queda de 39%.

No curto prazo, Lelong acredita que existe a possibilidade de o preço cair mais e se aproximar dos US\$ 70 por tonelada se produtores com custos altos mantiverem o ritmo de produção mesmo com perdas. "Isso parece irracional, mas, na verdade, é racional. O fechamento de uma mina custa dinheiro. É preciso demitir funcionários e fazer acordos com fornecedores e clientes. Enquanto tiverem capital para financiar o negócio, mesmo perdendo, esses mineradores continuam a operar a não ser que não acreditem que voltarão ao lucro", afirma o especialista.

Lelong acredita, porém, que existe a possibilidade de outro cenário menos desafiador para as mineradoras, com um preço estabilizado em torno de US\$ 80 por tonelada no curto prazo.

Considerando que o mercado melhore rapidamente, seria até possível um retorno da cotação para perto de US\$ 100 por tonelada, diz. Para isso, seria preciso que a demanda chinesa cresça entre 4% e 5% no ano e que produtores fechem mais capacidade do que o previsto.

O Goldman calcula que os fechamentos de minas na China, principalmente na região da costa, serão de 27 milhões de toneladas neste ano. Fora da China, há fechamentos já reportados na Indonésia e na Austrália, comenta.

Baseado em Sidney, Lelong acompanha de perto as operações na Austrália e acredita que além das grandes mineradoras locais - BHP Billiton, Rio Tinto e Fortescue Metals - , a brasileira Vale e outras empresas com grandes volumes de minério de boa qualidade vão se posicionar bem nessa nova realidade do mercado. Também vão suportar as novas exigências do setor as empresas chinesas que estão investindo em mecanização, afirma. "Esse grupo ficará bem. O segundo grupo, que é todo o resto, será mais vulnerável nos próximos anos."

Os investimentos em aumento de produção serão raros. "O período para investir em nova capacidade ficou para trás. Agora, a produção cresce após os investimentos dos últimos anos, e o preço não justifica novos projetos. No máximo, veremos expansões em unidades com baixas necessidades de capital."

Além de Brasil e Austrália, Chile, Peru e África investiram no passado e terão maiores produções nos próximos anos.

As expectativas de todas essas mineradoras são de aumento da demanda na China. Atualmente, o país tem consumo per capita de cinco toneladas, bem abaixo das 13 toneladas nos Estados Unidos, segundo o especialista. "Uma família chinesa de três pessoas compra um carro novo a cada oito meses. Os prédios chineses têm vida de 30 a 35 anos, enquanto em países desenvolvidos duram 50 anos."

"Mas há muitas questões sobre quanto a China ainda pode crescer na próxima década. Muitos investidores estão céticos", afirma. O aumento dos volumes de sucata de aço na China também gera preocupação. No cálculo do Goldman, até o fim desta década, a

participação da sucata no suprimento de aço da China subirá para 15%, de 10% atualmente.

12-21/10/2014

Lucro de empresas deve cair 10% no 3º trimestre

Por **Daniela Meibak** | De São Paulo

Os resultados das empresas brasileiras de capital aberto no terceiro trimestre, que começaram a sair ontem com a divulgação do balanço da CVC, terão a marca do cenário político conturbado e do baixo crescimento econômico. O maior impacto virá da taxa do dólar. A disputa presidencial mexeu com o mercado e levou a moeda a R\$ 2,45 no último dia do trimestre - data usada para a conversão em reais, no balanço, das dívidas em moeda estrangeira.

Estimativas do BTG Pactual indicam que a receita líquida do terceiro trimestre de 121 empresas analisadas cresceu 6,2% em relação ao trimestre anterior. O lucro líquido do período, porém, deve cair quase 10% e o Ebitda ficará estável. O levantamento inclui resultados de Petrobras, Vale e Embraer em moeda americana, com a conversão feita pelo **Valor** com o dólar médio de cada período.

Os números mostram o impacto do câmbio nos balanços. Com a atividade econômica fraca, uma pressão extra sobre os números virá da variação do dólar sobre a dívida das companhias em moeda americana. A cotação de fim de trimestre foi 10% maior que a do terceiro trimestre de 2013. Quando se compara o câmbio de setembro com o do segundo trimestre, a valorização fica em 11,4%.

A influência positiva do câmbio nas receitas das exportadoras não será contabilizada totalmente agora. Isso porque o dólar médio do período não teve uma alta tão acentuada quanto o do fim do trimestre. Assim, as maiores produtoras mundiais de celulose branqueada de eucalipto, Fibria e Suzano, por exemplo, podem ter efeitos negativos no balanço. No segundo trimestre, a Fibria tinha 95% da dívida bruta total denominada em dólar e a Suzano, 54%.

Empresas de alimentos, como BRF, JBS, Minerva e Marfrig, também expostas ao dólar, devem registrar o impacto negativo do câmbio na dívida. A Vale será duplamente prejudicada. Além de ter grande parte da dívida em dólar, a mineradora é muito dependente da cotação do minério de ferro, que caiu bastante nos últimos meses.

13-21/10/2014

Anglo estuda venda de ativos na América do Sul

A Anglo American estuda a venda de jazimentos de cobre no Chile como Mantos Blancos, Mantoverde e El Soldado. A mineradora pretende manter e ampliar a sua

presença através dos seus depósitos Los Bronces e Collahuasi. A ideia é se concentrar em ativos mais relevantes. No Brasil, a Anglo avalia a venda de ativos minerais em Barro Alto.

Fonte: Brasil Mineral

14-21/10/2014

Indonésia vai restringir exportações de estanho para subir os preços

O Governo da Indonésia quer subir os preços do estanho. Para isso o país estará reduzindo as exportações do metal a partir de 2015, a mesma estratégia que a China costuma fazer com os terras-raras. A Indonésia é o maior produtor de estanho do mundo chegando a produzir 80% de toda a demanda mundial. Em 2013 o país exportou 90.000 toneladas de estanho que está sendo comercializado em Londres por US\$19.300 a tonelada.

Na última vez que algum organismo tentou controlar o preço do estanho, através de restrições e estoques, os preços do estanho despencaram e o mercado quebrou. Isto ocorreu em 1985 quando o International Tin Council e seus associados controlavam os preços do metal através de estoques. O desastre fez as bolsas caírem e a maioria das minas tiveram que fechar. Aqui no Brasil foi o início do fim da nossa maior produtora de estanho a Paranapanema.

Fonte: www.geologo.com.br

15-21/10/2014

Excesso de oferta ameaça rating de mineradoras

O crescente excesso de oferta no mercado de minério de ferro é prejudicial para o setor de mineração e impõe riscos negativos para o rating das produtoras, disse a agência de classificação de risco Moody's em relatório. A agência estima que a expansão da produção vai colocar mais de 300 milhões de toneladas de minério de ferro no mercado nos próximos anos.

Diante das expectativas menos promissoras sobre o crescimento da produção global de aço até 2016, a falta de equilíbrio vai continuar pesando negativamente sobre os preços e sobre a performance de operação das produtoras de minério de ferro, avaliou a Moody's. Tal panorama pode resultar em "rebaixamento dos ratings das produtoras de minério de ferro", acrescentou a agência.

Fonte: EM

16-21/10/2014

STADO AUSTRALIANO USA FERRAMENTA PARA TRANSPARÊNCIA NA MINERAÇÃO

O governo de Victoria, na Austrália, lançou uma ferramenta online de mapas que mostra a localização de direitos minerários e de petróleo em todo o Estado. Com esse dispositivo, o Conselho de Mineração de Victoria (MCA, na sigla em inglês) pretende aumentar a transparência das atividades do setor, mostrando detalhes do titular do direito, o tipo de commodity que pode ser explorado e as datas em que as licenças ou concessões foram obtidas pelos titulares.

Para pesquisar no Mining Licenses Near Me, basta digitar um endereço para que o sistema mostre quais direitos minerários ou de petróleo estão mais próximos do local pesquisado. A ferramenta utiliza a interface do Google e o usuário também tem a opção de, em vez de digitar um endereço, verificar direitos minerários ou de petróleo próximos à sua localização naquele momento.

“O setor de mineração contribui com 6,43 bilhões de dólares australianos por ano para a economia de Victoria e emprega mais de 7,7 mil trabalhadores em todo o Estado. É importante que a nossa indústria de mineração tenha apoio e confiança da comunidade para garantir seu futuro sucesso”, disse Russel Northe, ministro de Minas da Austrália.

O Mining Licenses Near Me, quer quer dizer Concessões de Mineração Perto de Mim, também possui versões para dispositivos mobile, incluindo smartphones, e é um complemento do website GeoVic, que oferece informações mais detalhadas para a indústria e partes interessadas do governo.

O MCA, que há muito tempo tenta disponibilizar informações do Estado em um formato mais compreensível para as comunidades, disse que a ferramenta “fornece informações significantes de atividades específicas de mineração e petróleo que estão ocorrendo em todo o estado”. O Mining Licenses Near Me era uma das principais recomendações do Comitê de Investimentos e Desenvolvimento Econômico.

“A indústria de mineração tem sempre usado o indicador de que para mil sites de exploração, apenas um progride para entrar em operação. Devido a isso, há uma grande área de Victoria que é coberta por direitos de exploração com a esperança de que um dia serão descobertos novos recursos para aumentar a economia de Victoria e proporcionar um crescimento regional e das oportunidades de emprego para as comunidades”, disse Megan Davison, diretor-executivo do MCA.

O Mining Licenses Near Me pode ser acessado por meio do website de Energia e Recursos do Governo de Victoria. As informações são do Mining News Premium.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

17-21/10/2014

AQUISIÇÃO DA TRIO: WEIR MINERALS EXPANDE O SEU PORTFOLIO

O Grupo Weir entrou em um acordo para comprar a Trio Engineered Products¹, uma empresa fabricante de equipamentos para britagem e separação Sino-Americana para os mercados de mineração e agregados, por um valor de mercado de US\$220m2 (£138m3).

A aquisição será paga com dinheiro em caixa e vai render ganhos imediatos já descontando impostos. É esperado que o gasto seja recuperado em um ano. Os custos estimados para a integração da Trio estão estimados em US\$10m em um período de 2 anos.

A Weir é líder global no fornecimento de soluções para os circuitos de moagem de mineração que separa pedras dos minérios. A aquisição da Trio vai aumentar o sucesso que a Weir vem tendo nos mercados adjacentes ao circuito de moagem. Esta aquisição permite a Weir a:

- Prover uma linha mais completa de produtos e serviços para os nossos clientes de mineração.

- Alavancar os custos e aumentar a eficiência das plataformas de fabricação da Trio;

- Utilizar a plataforma e os relacionamentos nas áreas de mineração globais da Weir para:

- * acelerar o crescimento da receita proveniente dos equipamentos originais da TRIO; e

- * capturar uma proporção maior de pós venda nos mercados onde os equipamentos da Trio estão instalados. A Trio tem uma presença limitada fora da China.

- Fazer a venda cruzada entre os produtos Weir-Trio nos mercados de areia e agregados através dos canais de venda da Trio na China e EUA (os mercados de areia e agregados corresponderam a 56% da receita da Trio em 2013)

A Trio está instalada em Xangai, na China, onde mantém duas plantas de manufatura. A companhia também mantém instalações nos EUA. Em 2013, 31% da receita foram gerados nos EUA, primeiramente no setor de agregados, 25% foram na China, servindo principalmente o mercado de mineração interno, o restante foi dividido entre Austrália, América do Sul, África e Europa. Em 2014, a Trio espera gerar um lucro de cerca de US\$120m, com margens em linha com a Weir Minerals.

A Trio esta sendo adquirida de seu sócio majoritário, Navis Capital, e do time de gestão da empresa. Os três fundadores da Trio concordaram em continuar na Empresa apos sua aquisição. A conclusão da aquisição esta sujeita ao cumprimento de certas condições e está prevista para ser concluída no final de Outubro de 2014.

Segundo Keith Cochrane, CEO da Weir Group “Este acordo vai permitir à Weir Minerals continuar sua estratégia bem sucedida de cominuição. Nós usaremos a

capacidade global e incomparável do Grupo para promover o portfólio complementar dos produtos da Trio, assim expandindo nosso mercado e oferecendo à nossos clientes da indústria de mineração um leque maior de equipamentos de engenharia e serviços. A capacidade de manufatura da Trio e sua presença nos mercados agregados providencia uma plataforma adicional para crescimento.

Já Mike Burke, CEO da Trio, acredita que "Este acordo é estrategicamente atraente para a TRIO, permitindo-a a alavancar os mercados onde a Weir é líder, assim proporcionando crescimento e melhor atendimento aos nossos clientes através da rede de centros de serviço da Weir em uma plataforma verdadeiramente global.

Assessoria

18-21/10/2014

PARÁ SERÁ NÚMERO UM EM PRODUÇÃO MINERAL

Mudança de cenário na mineração pode ocorrer em até dez anos

A Região Norte deve receber novos investimentos do setor mineral na próxima década. A expectativa é que, dependendo do contexto global da mineração neste período, o Pará supere Minas Gerais – tradicional potência da indústria de extração mineral no País – como principal foco de capital do setor. É o que indica prospecção de cenário do **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM)**, realizada a cada cinco anos. A presença de grandes projetos atrai capital financeiro e eleva a qualidade de vida dos municípios mineradores, evidenciada pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Parauapebas, na região sudeste do Pará, onde está localizada a Província Mineral de Carajás, a uma das maiores produtoras de minério de ferro do planeta, tem o mais alto Produto Interno Bruto (PIB) do Estado e a terceira colocação no IDH, somente atrás de municípios da Região Metropolitana de Belém. No levantamento do Programa nas Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que mede o nível de educação, longevidade e renda, o município alcança 0,715 na escala que varia de 0 a 1.

“Os municípios mineradores tendem a melhorar substancialmente a qualidade de vida da população. A geração de impostos e receitas diretos, como é o caso da CFEM, impulsiona a renda. Parauapebas é número um em arrecadação no Brasil: R\$ 700 milhões somente no ano passado”, exemplifica o Diretor de Assuntos Ambientais do **IBRAM**, Rinaldo Mancin.

“A CFEM representa o reflexo do valor da produção do município. É calculada em cima do valor produzido. Do total da arrecadação, 65% é destinada ao município, 23% ao Estado e 12% à União. A cidade recebe mais que cinco vezes a federação”, explica Marcelo Ribeiro Tunes, Diretor de Assuntos Minerários do **IBRAM**.

A instalação de projetos de mineração fomenta a economia do município e da região. Além da geração de emprego e renda, a presença das mineradoras estimula a demanda de alimentos, vestuário, transporte, hotelaria, serviços pessoais e potencializa a construção civil.

A chegada de um grande empreendimento provoca mudanças culturais, econômicas, sociais e ambientais. Novas possibilidades de ampliação da governança pública e corporativa são necessárias para que a atuação da mineração seja um fator de desenvolvimento territorial de longo prazo, com benefícios posteriores ao ciclo mineral.

“Os municípios mineradores têm ótimos IDHs e acabam tendo indicador até superior ao Estado. É um excelente negócio tornar-se minerador”, pontua Rinaldo Mancin. “A nova mineração, mais comprometida com o social, sem dúvida vem criando oportunidades. Nenhuma empresa que trabalha no Pará atua sem política de formação de mão de obra local”, completa.

Congresso

A importância de parcerias público-privadas no fomento do município minerador será debatida durante o Congresso de Mineração da Amazônia, cujo tema é “Mineração: consolidando o desenvolvimento nos territórios minerais”, que será realizado de 18 a 20 de novembro, no Hangar - Centro de Convenções & Feiras da Amazônia. A programação integra a EXPOSIBRAM Amazônia 2014, promovida pelo **IBRAM**.

As empresas mineradoras instaladas no Pará costumam investir na qualificação da mão de obra e de fornecedores locais. Nos municípios mineradores, o indicador do IDH que mais cresce é o da educação. “Percebemos o fortalecimento de parcerias com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e da Rede de Desenvolvimento de Fornecedores, da Federação das Indústrias do Pará (FIEPA)”, exemplifica Mancin. “Analisando os dados socioeconômicos é possível aferir a contribuição dos projetos para o desenvolvimento da localidade, não só na geração de empregos, mas na ampliação da estrutura de saúde, educação e qualidade de vida, evidenciadas pelo IDH”, completa.

Os incentivos por parte da indústria de extração mineral refletem na aceitação, por parte da população, da implantação e presença das empresas. Os programas sociais desenvolvidos na localidade corroboram para o bom relacionamento com a comunidade. “Acredito que somente o bom planejamento de médio e longo prazo, associado à articulação de políticas públicas com políticas empresarias, poderia representar um caminho mais promissor. Outro elemento fundamental é reforçar a capacidade de qualificação tanto da mão de obra na região, como de fornecedores. Assim, educação é outro ponto crítico a ser trabalhado”, analisa José Fernando Coura, Diretor Presidente do **IBRAM**.

Futuro

A indústria extrativa mineral representa 27% do PIB paraense – o percentual é o maior no país – de acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Extração de Ferro e Metais Básicos (Sinferbase). Esses dados contrastam com estimativas de dois grandes estados mineradores, como o Espírito Santo, no qual a atuação do setor corresponde a 16% e Minas Gerais, local em que o valor cai para 8%.

Considerando a arrecadação da CFEM nacional, o Pará fica em segundo lugar, com um pouco mais de R\$ 804 milhões, atrás apenas de Minas Gerais. Com a perspectiva de crescimento de projetos no Pará para os próximos anos, a expectativa é que os valores aumentem significativamente. “Toda cadeia de fornecedores de equipamentos, tecnologia e serviços para a mineração naturalmente está indo atrás desses investimentos. O cenário futuro para o Pará é muito positivo, já que a vocação mineral do estado é inquestionável”, analisa o Diretor de Assuntos Ambientais do IBRAM, Rinaldo Mancin. “Apesar de, em função do seu tamanho territorial, haver relativamente pouco conhecimento geológico, o Pará tem se destacado com descobertas de novas áreas potenciais para depósitos minerais, muitos de classe mundial”, completa.

Fernando Coura explica ainda que “IBRAM vê um cenário de grande intensificação da atividade minerária no Pará, com investimentos crescentes e a ampliação da cadeia produtiva em torno do setor, com reflexos positivos na educação, formação de mão de obra especializada e infraestrutura”. “O futuro da mineração no Brasil passa necessariamente pelo estado do Pará e, por isto, os olhares devem estar voltados para o potencial paraense”, completa.

A inversão de atuação mineral entre Pará e Minas Gerais deve ocorrer graças ao avanço de pesquisas geológicas, ainda tímidas no Estado, mas fundamentais para alavancar o desenvolvimento. “Bem recente, em 2011, o Pará estava quase ultrapassando Minas Gerais, mas devido à crise econômica global, as empresas reduziram seus investimentos. Devemos lembrar que o maior projeto de mineração do mundo acontece no Pará, o S11D, da Vale S.A., e que 22 bilhões estão sendo aplicados. A confiança no Estado é grande”, completa Mancin.

O fomento de capital também depende da disponibilidade de logística, transporte e qualificação de mão de obra. Dos 53 bilhões de dólares em investimentos estimados para os próximos cinco anos no Brasil, 30% serão destinados ao Pará. O panorama da economia mineral, com foco nas tendências, riscos e oportunidades, também será foco de debate durante o Congresso de Mineração da Amazônia.

Fonte: IBRAM – Temple Comunicação

19-22/10/2014

Aquisição da Trio: Weir Minerals expande o seu portfolio

O Grupo Weir entrou em um acordo para comprar a Trio Engineered Products¹, uma empresa fabricante de equipamentos para britagem e separação Sino-Americana para os mercados de mineração e agregados, por um valor de mercado de US\$220m2 (£138m3).

A aquisição será paga com dinheiro em caixa e vai render ganhos imediatos já descontando impostos. É esperado que o gasto seja recuperado em um ano. Os custos estimados para a integração da Trio estão estimados em US\$10m em um período de 2 anos.

A Weir é líder global no fornecimento de soluções para os circuitos de moagem de mineração que separa pedras dos minérios. A aquisição da Trio vai aumentar o sucesso que a Weir vem tendo nos mercados adjacentes ao circuito de moagem. Esta aquisição permite a Weir a:

- Prover uma linha mais completa de produtos e serviços para os nossos clientes de mineração.

- Alavancar os custos e aumentar a eficiência das plataformas de fabricação da Trio;

- Utilizar a plataforma e os relacionamentos nas áreas de mineração globais da Weir para:

 - * acelerar o crescimento da receita proveniente dos equipamentos originais da TRIO; e

 - * capturar uma proporção maior de pós venda nos mercados onde os equipamentos da Trio estão instalados. A Trio tem uma presença limitada fora da China.

- Fazer a venda cruzada entre os produtos Weir-Trio nos mercados de areia e agregados através dos canais de venda da Trio na China e EUA (os mercados de areia e agregados corresponderam a 56% da receita da Trio em 2013)

A Trio está instalada em Xangai, na China, onde mantém duas plantas de manufatura. A companhia também mantém instalações nos EUA. Em 2013, 31% da receita foram gerados nos EUA, primeiramente no setor de agregados, 25% foram na China, servindo principalmente o mercado de mineração interno, o restante foi dividido entre Austrália, América do Sul, África e Europa. Em 2014, a Trio espera gerar um lucro de cerca de US\$120m, com margens em linha com a Weir Minerals.

A Trio esta sendo adquirida de seu sócio majoritário, Navis Capital, e do time de gestão da empresa. Os três fundadores da Trio concordaram em continuar na Empresa apos sua aquisição. A conclusão da aquisição esta sujeita ao cumprimento de certas condições e está prevista para ser concluída no final de Outubro de 2014.

Segundo Keith Cochrane, CEO da Weir Group “Este acordo vai permitir à Weir Minerals continuar sua estratégia bem sucedida de cominuição. Nós usaremos a capacidade global e incomparável do Grupo para promover o portfólio complementar dos produtos da Trio, assim expandindo nosso mercado e oferecendo à nossos clientes da indústria de mineração um leque maior de equipamentos de engenharia e serviços. A capacidade de manufatura da Trio e sua presença nos mercados agregados providencia uma plataforma adicional para crescimento.

Já Mike Burke, CEO da Trio, acredita que “Este acordo é estrategicamente atraente para a TRIO, permitindo-a a alavancar os mercados onde a Weir é líder, assim proporcionando crescimento e melhor atendimento aos nossos clientes através da rede de centros de serviço da Weir em uma plataforma verdadeiramente global.

Fonte: Assessoria

20-22/10/2014

Produção de minério de ferro da China cai 0,4% ante setembro de 2013

Reuters –

(Reuters) - A produção de minério de ferro da China caiu 0,4 por cento em setembro na comparação com o mesmo período do ano passado, para 137,35 milhões de toneladas, segundo dados do Departamento Nacional de Estatísticas divulgados nesta quarta-feira.

Mas produção cresceu em relação ao mês de agosto, quando atingiu 136,5 milhões de toneladas.

A China, maior produtor de aço do mundo, é o maior consumidor mundial de minério de ferro.

O país responde por 60 por cento dos negócios globais do produto transportado por navios.

No acumulado do ano até setembro, a produção de minério de ferro do país asiático aumentou 7,2 por cento na comparação com o mesmo período de 2013, para 1,12 bilhão de toneladas.

21-22/10/2014

Anglogold Ashanti abre represas para ajudar no suprimento de água a BH

A seca já começa afetar a região de Belo Horizonte. A Copasa, prevendo o pior, já negociou com a mineradora Anglogold Ashanti a liberação de parte da água utilizada na geração de energia, na hidrelétrica localizada no Rio do Peixe. A Copasa percebendo que houve uma redução de 50% na vazão do Rio das Velhas, que abastece a grande BH, já se prepara para um cenário de desabastecimento...

Fonte: www.geologo.com.br

22-22/10/2014

Andy Robertson indicado para o Hall da Fama de Tecnologia da Mineração Internacional

Andy Robertson será empossado na categoria gestão ambiental e manejo, patrocinada pela FLSmidth, no jantar de gala no Hotel do Palácio de Brown, Denver, 16 de fevereiro (www.im-halloffame.com). Ele co-fundou SRK, Gemcom e InfoMine e agora torna-se membro do International Mining Technology Hall of Fame.

Durante sua carreira na indústria da mineração, ele tem trabalhado incansavelmente para proteger o ambiente, comunidades, qualidade da água e abastecimento de água. Porque muitos dos impactos da mineração provenientes de sedimentos de drenagem ácida de rocha (ARD), a gestão de rejeito e desperdiçar geoquímica e estabilidade de rocha são cruciais para proteger o meio ambiente. O “background” de Robertson é na engenharia de Geotecnia-mecânica das rochas, e ele tem especialização (auto didata) geoquímica; sua carreira concentrou-se sobre a administração ambiental para a indústria e para os produtos de trabalho que ele oferece.

Com o objetivo de fazer barragens de rejeito fisicamente e ambientalmente seguras, ele continua a servir em vários painéis de revisão pelos pares e placas de revisão de projeto independente por umas das barragens de rejeito mais alto e mais desafiadoras do mundo. Ele é apaixonado por melhorar a concepção, construção, operação e encerramento de barragens a seguir desde que a integridade dessas barragens é crucial para a proteção atual e futura (perpetuidade é um longo tempo) gerações de eventos extremos e ‘cisnes negros’. Para fazer barragens de rejeito de hoje e do futuro mais seguro, ele defende um a) sempre melhorar a tecnologia para a concepção, construção e estabilidade a longo prazo das barragens de rejeito; capacidade de b) fiscal – para construir e operar a barragens de rejeito que não deixar um fardo de dívida sobre nossos netos e c) governação – para projetos que hoje representam as necessidades das gerações e mudanças nas expectativas da sociedade. Com o objetivo de fazer barragens de rejeito fisicamente e ambientalmente seguro, ele continua a servir em vários painéis de revisão pelos pares e placas de revisão de projeto independente por umas das barragens de rejeito mais alto e mais desafiadoras do mundo.

Robertson foi instrumental no pioneiro na utilização do modo de falha e análise de efeitos (FMEA) – uma das primeiras sistemáticas técnicas para análise de falhas – e MAA (múltiplas análises de conta) para engenharia de soluções na indústria de mineração. FMEA foi originalmente desenvolvido na década de 1950 para estudar os problemas que possam surgir de avarias de sistemas militares. Quando Robertson foi 30, Oskar Steffen e Hendrik Kirsten formou Steffen, Robertson & Kirsten (SRK), a primeira empresa de consultoria na África especializar-se em Geotecnia de mineração. Quatro anos mais tarde ele se mudou para o Canadá para iniciar a primeira filial no exterior do que se tornaria mais tarde SRK Consulting. Inúmeros escritórios dos EUA foram formados sob sua orientação e SRK mantém um foco na proteção do meio ambiente através de seu trabalho de engenharia.

Da década de 1980-2000 Andy trabalhou na investigação fundamental para o teste, previsão e controle do ácido minha drenagem. Ele era um membro contribuinte da Colúmbia Britânica ARD Task Force, que publicou algumas das primeiras orientações ARD da indústria. Ele tem escrito e contribuiu para guias técnicos para a gestão de resíduos de mineração, eliminação de resíduos de moinho para urânio (para o programa

nacional de rejeitos de urânio, departamento de energia, minas e recursos, CANMET, 1987) e diretrizes para a reabilitação de minas para minas (1991) e o Ministério de desenvolvimento do norte de Ontário. Estas orientações estabeleceram a base para práticas ambientais na indústria.

Sempre inovadora, em 1982 Robertson fundada Gemcom (Engenharia Geotécnica e mineiras computação) uma empresa que, financiados, desenvolvido e vendido o primeiro PC da indústria de mineração, base de dados de exploração, minério depósito modelagem e abre o software de planejamento de mina. Na Gemcom 2012 foi vendida a Dassault Systèmes, posteriormente o nome foi mudado para GEOVIA.

Em 1989, como parte de sua visão para fazer mineração informações amplamente disponíveis, Robertson lançou InfoMine (inicialmente como parte da SRK). Mais tarde, ele viu o poder da internet para permitir o acesso universal à informação e implementou uma estratégia digital que continua a ser a pedra angular da empresa. Sob sua liderança a InfoMine criou muitas ramificações valiosas, incluindo EduMine.com, um recurso de formação para profissionais da indústria de mineração. Oferece certificações para a indústria e tem mais de 6.000 alunos cadastrados; CareerMine.com uma ferramenta de recrutamento com oportunidades de carreira para profissionais da mineração; e Mining.com – uma publicação de notícias de mineração da internet. Além disso, InfoMine oferece banco de dados sobre informação de mineração, incluindo listagem de equipamentos usados para a mineração, um diretório de empresas fornecedoras de serviços, peças, e equipamentos online. Recentemente, ele supervisionou a criação da ConferenceMine, uma divisão de conferência técnica que facilita o intercâmbio de conhecimentos de mineração, experiência e lições aprendidas.

Em 1994, Robertson fundada Robertson GeoConsultants (RGC), uma consultoria de mineração altamente especializados, internacional com sede em Vancouver, BC, onde ele continua seu trabalho na estabilidade de rocha de rejeitos e resíduos e geoquímica, todos os quais são cruciais para proteger o meio ambiente. Interesse de Robertson em continuamente criar padrões da indústria para proteger o meio ambiente tem sido um tema recorrente na realização de seu trabalho e em contribuir com a indústria.

Fonte: Mining.com

23-22/10/2014

PANORAMA DA MINERAÇÃO EM GOIÁS E DISTRITO FEDERAL

O DNPM divulgou o informativo “Desempenho do Setor Mineral Goiás e Distrito Federal 2014”, que tem como objetivo destacar o significado da mineração na economia local, mostrando sua potencialidade através de levantamentos estatísticos em quantidade e valor, visando, por meio de investimentos, obter um melhor aproveitamento econômico.

Segundo a Secretaria da Indústria e Comércio, Goiás é considerado a Estado com a terceira maior indústria mineral do País onde, nos últimos três anos (2011-2013), o setor mineral recebeu mais de R\$ 3 bilhões em investimentos privados. Para o período 2014-2016, os investimentos devem chegar a R\$ 4 bilhões.

Investimentos produtivos nos setores industrial e de serviços em Goiás alcançarão R\$ 30,2 bilhões até 2016, dos quais R\$ 8,08 bilhões (26,7%) correspondem à atividade de mineração e beneficiamento com 22 projetos. Um dos projetos, em fase de estudos, prevê a implantação de uma indústria para exploração de jazida de terras raras - conjunto de elementos químicos utilizados em diversas indústrias - no município de Minaçu, região norte do Estado. O investimento previsto é de até R\$ 1,2 bilhão, aponta o protocolo de intenção assinado entre Goiás e a Mineração Serra Verde, empresa do Grupo Mining Ventures Brasil (MVB). Outro importante projeto trata-se da mineradora Anglo American, em Catalão, que anunciou investimentos de US\$ 1,35 bilhão para aumentar a produção de nióbio e fosfato sendo, US\$ 1 bilhão para dobrar a produção de fosfato, a partir do segundo semestre de 2014, e US\$ 350 milhões para aumentar a produção de nióbio, visando mudar a forma como o metal é extraído do solo e assim prolongar a atividade na cidade, que já faz a extração do metal há mais de 40 anos. Além disso, a expectativa é de que o negócio gere 800 vagas de emprego na região.

Mais informações: www.dnpm.gov.br

Fonte: Minérios e Minerales

24-22/10/2014

Juiz defere pedido de recuperação judicial da MMX

Por **Francisco Góes | Valor**

RIO - O juiz Ronaldo Claret de Moraes, da 1ª Vara Empresarial do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ-MG), em Belo Horizonte, deferiu o pedido de recuperação judicial apresentado pela MMX Sudeste Mineração S.A., mineradora de Eike Batista.

Na fundamentação da decisão, o juiz afirma que os documentos apresentados pela MMX denotam, à primeira vista, ser “passageiro” o estado de crise econômico-financeira pelo qual atravessa a companhia. “E também retratam [os documentos] a perspectiva de que ela [a empresa] possa se soerguer”, escreveu o juiz na decisão.

Dessa forma, segundo o juiz, “a sociedade autora merece ter preservado o exercício de suas atividades empresariais, a fim de que possa continuar a cumprir a função social que lhe incumbe”.

Claret de Moraes nomeou o advogado Bernardo Bicalho de Alvarenga Mendes como administrador judicial da MMX Sudeste.

O juiz também ordenou a suspensão, por prazo de 180 dias, contados a partir da publicação da decisão, de todas as ações e execuções contra a MMX Sudeste. A decisão do juiz será publicada na sexta-feira, dia 24.

A decisão de pedir a recuperação judicial da MMX Sudeste buscou preservar a companhia, que é uma subsidiária da MMX Mineração e Metálicos S.A., empresa listada na bolsa de valores.

Em fato relevante divulgado na semana passada, a MMX afirmou que, apesar dos esforços da empresa na negociação com credores e na busca por potenciais investidores, o pedido de recuperação judicial configurou-se como a alternativa mais adequada diante da situação econômico-financeira da companhia.

(Francisco Góes | Valor)

25-22/10/2014

Setor naval busca talentos para gestão mais moderna

Por **Edson Valente** | De São Paulo

Se a indústria petroleira no Brasil atravessa uma fase de estagnação e mesmo de demissões, a naval e de apoio marítimo, que geralmente vem a reboque, tem passado por um período bem mais favorável. Isso acontece porque, mesmo sem novos projetos da Petrobras sendo aprovados, muitos outros já estão em andamento.

De acordo com Fernanda Amorim, sócia da empresa de seleção de altos executivos Odgers Berndtson no Brasil, o setor naval começou a crescer há cerca de três anos e não se desaqueceu. Para dar conta da demanda por diversos tipos de embarcação, boa parte das companhias de construção naval passou a profissionalizar seus quadros de gestão e a reforçar seus times de mão de obra técnica. "A estruturação dos processos está mais industrializada e com um foco em rentabilidade. Os investidores esperam retornos maiores e mais rápidos", diz.

Ao buscar profissionais, essas empresas, geralmente sediadas no Rio, têm enfrentado dificuldades devido às particularidades do segmento. A gestão de recursos humanos, por exemplo, precisa entender de aspectos como os turnos de trabalho das tripulações das embarcações. Além disso, o departamento está passando por profundas transformações nessa indústria. "A criação de planos de cargos e salários e a implementação de benefícios são tendências cada vez mais fortes", diz Fernanda.

O radar da procura por talentos na maioria das vezes não rastreia outros ramos de negócio e se limita ao próprio setor naval - sobretudo para os cargos que requerem conhecimento técnico. Mesmo assim, profissionais do setor "vizinho" de óleo e gás têm se sido uma alternativa, acirrando a disputa pelos melhores talentos.

Uma das saídas encontradas pelas companhias para ampliar suas equipes é combinar funcionários de perfis complementares, de acordo com Daniel Linhares, diretor de gente e gestão do grupo CBO - Companhia Brasileira de Offshore. Em sua opinião, é difícil

encontrar um profissional que tenha conhecimento técnico - necessário pelas características do negócio - e competências de gestão. "É preciso saber compor o time", diz.

Isso aconteceu na CBO, que, segundo Linhares, tem planos agressivos de crescimento para os próximos anos, movidos pela venda do grupo para dois fundos de private equity em dezembro do ano passado. Foi por intermédio de um deles - o Vinci Partners - que o executivo, com passagem pela Vale entre 2001 e 2007, assumiu o cargo atual.

Em sua própria diretoria, ele aplica a lógica da composição do quadro com profissionais de habilidades distintas. "Trouxe pessoas com conhecimentos de metodologias, ferramentas de avaliação de desempenho e de cargos e salários. No entanto, mantive quem entende das particularidades do setor, como a folha de remuneração dos marítimos, que têm uma rotina bastante específica", afirma.

O objetivo é equilibrar esforços para implementar na empresa um modelo de remuneração variável mais agressivo. "O segmento naval e de apoio marítimo ainda é muito 'old school' e possui poucas práticas de gestão modernas. Há salários muito altos e, geralmente, os ganhos variáveis são muito baixos ou inexistentes", ressalta.

Rafael Faria, diretor e sócio da Fesa, companhia de recrutamento de executivos, calcula que um gerente pleno nesse mercado esteja em uma faixa salarial entre R\$ 25 mil e R\$ 30 mil mensais. O especialista também identifica a falta de executivos capacitados para atuar no setor e diz que já viu empresas buscarem profissionais até em segmentos como o de mineração. "As empresas querem uma gestão mais efetiva em termos de custos operacionais e de manutenção", diz.

Entre as exigências mais comuns dos empregadores para quem pretende trabalhar nessa indústria estão boas relações comerciais com os principais contratantes e agências controladoras do setor. A falta de profissionais passa também pela área do direito, segundo Ronaldo Lima, diretor comercial da CBO e presidente da Associação Brasileira das Empresas de Apoio Marítimo. "Há uma carência muito grande de advogados que conheçam direito marítimo e legislação tributária. Trata-se de uma especialização bastante complexa", afirma Lima, que tem notado a migração também de executivos que fizeram carreira na área administrativo-financeira para a naval.

Relações com players do segmento é algo que se conquista com o tempo. Dessa maneira, não é de se estranhar que se busquem executivos já atuantes no setor para as vagas de gestão. Graduado em engenharia civil, Lima conta que, no começo da década de 1980, passou a trabalhar em um estaleiro devido à baixa demanda por profissionais de sua área de formação. Em 1991, foi convidado para presidir uma empresa de apoio marítimo, na qual ficou por 16 anos. Depois, se transferiu para a CBO, onde está há quase dez.

O executivo afirma que há um "gap" na formação de engenheiros navais, muito devido à estagnação do mercado de construção naval no final da década de 1980 e nos anos 1990. "Sem emprego, vários engenheiros foram abrir pizzarias em Niterói. No início dos anos 2000, houve uma retomada no aquecimento do mercado de construção de barcos de apoio", afirma.

Foi depois disso que a carreira do português Francisco Nunes Neves, atualmente CEO da Bravante, empresa de apoio marítimo, construção e reparo naval e proteção ambiental, enveredou pela área. Sua trajetória começou nos anos 1990 na Brahma (atual Ambev), onde trabalhou por cerca de três anos na área de vendas. "Em 2001, decidi aceitar o desafio de atuar na área de logística portuária e ferroviária da Vale", lembra.

O executivo entrou na companhia como diretor e saiu em 2007, em busca de novas oportunidades profissionais. Por sete meses foi presidente da Cemar - Companhia Energética do Maranhão. Em seguida, foi para a Odebrecht, onde se tornou responsável pela área portuária da OTP, braço de infraestrutura do grupo. No fim de 2011, assumiu a presidência de uma empresa de gerenciamento de resíduos, até ser contratado pela Bravante.

O que mais o atraiu na empresa, segundo ele, foi o ritmo acelerado de crescimento. "Há um programa de construção de 15 novos barcos, decisão tomada nos últimos quatro anos. Percebi que era um momento muito favorável na indústria". Neves afirma que sua experiência foi decisiva para ocupar o cargo de CEO. "Trouxe um modelo de gestão que aprendi ao longo de minha vida profissional, calcado em três pilares: pessoas treinadas e motivadas, disciplina nos processos para a entrega do melhor serviço e a constituição de um negócio que seja rentável para os sócios", enfatiza.

Na avaliação de Ronaldo Lima, da CBO, a frota do setor de apoio marítimo, que atualmente conta com cerca de 500 embarcações, deve chegar a cerca de 700 até 2020. Neves, da Bravante, estima a necessidade de um contingente de 200 a 250 novos barcos para os próximos cinco ou sete anos. E construí-los no Brasil, de acordo com Fernanda Amorim, sócia da Odgers Berndtson, acaba sendo mais barato que no exterior.

As contratações no mercado de óleo e gás, por sua vez, continuam em compasso de espera. No entanto, Karim Warrak, sócio-diretor da Asap Recruiters, consultoria de recrutamento e seleção de executivos, afirma que esse quadro tende a se modificar a partir de 2015, o que também beneficiará as movimentações no segmento de apoio marítimo.

Segundo ele, a previsão é que o Brasil dobre o volume de produção de petróleo até 2020 com o pré-sal. Em razão disso, novas plataformas vão começar a operar no país a partir do ano que vem - demandando profissionais não somente de nível técnico, mas também em cargos de gestão. "Será preciso contratar mais pessoas de suporte, de recursos humanos, de finanças e da área jurídica. Já começamos a sentir um movimento nesse sentido", afirma Warrak.

26-22/10/2014

Justiça aceita pedido de recuperação da MMX

Por **Francisco Góes | Do Rio**

A MMX Sudeste Mineração, de Eike Batista, teve atendido, ontem, o pedido de recuperação judicial apresentado pela empresa, na semana passada, à Justiça de Minas Gerais. O juiz Ronaldo Claret de Moraes, da 1ª Vara Empresarial do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ -MG), em Belo Horizonte, deferiu o pedido feito pela companhia e nomeou como administrador judicial da recuperação o advogado Bernardo Bicalho de Alvarenga Mendes.

Ao fundamentar a decisão, o juiz afirmou que os documentos apresentados pela MMX denotam, à primeira vista, ser "passageiro" o estado de crise econômico-financeira pelo qual atravessa a companhia. "E também retratam [os documentos] a perspectiva de que ela [a empresa] possa se soerguer", escreveu o juiz na decisão. Dessa forma, segundo o juiz, "a sociedade autora [MMX] merece ter preservado o exercício de suas atividades empresariais, a fim de que possa continuar a cumprir a função social que lhe incumbe".

O juiz ordenou a suspensão, por prazo de 180 dias, contados desde a publicação da decisão, das ações e execuções contra a MMX Sudeste. A decisão do juiz será publicada amanhã, segundo o TJ-MG.

O advogado Sergio Bermudes, que defende Eike, disse que a partir do deferimento do pedido começa propriamente o processo de recuperação judicial da companhia. "Esperamos contribuir com o administrador [judicial] para que ele cumpra adequadamente as suas funções enquanto a MMX cumpre [as obrigações] dela", disse Bermudes. A MMX Sudeste terá 60 dias para apresentar um plano de recuperação que terá de ser aprovado pelos credores. A dívida total da MMX supera os R\$ 400 milhões.

A decisão de pedir a recuperação judicial da MMX Sudeste buscou preservar a companhia, que é uma subsidiária da MMX Mineração e Metálicos S.A., empresa listada na bolsa de valores. Em fato relevante divulgado na semana passada, a MMX afirmou que, apesar dos esforços da empresa na negociação com credores e na busca por potenciais investidores, o pedido de recuperação judicial configurou-se como a alternativa mais adequada diante da situação econômico-financeira da companhia.

Na sentença, o juiz Claret de Moraes afirmou que a MMX ajuizou o pedido sob uma série de fundamentos. Segundo a empresa, houve "recuo" do BNDES em conceder-lhe financiamento de longo prazo para projeto de expansão. A companhia argumentou, ainda, que enfrentou "demora" na obtenção da licença ambiental para fazer essa expansão. E citou a dificuldade representada pela queda nos preços internacionais do minério de ferro. Entre os argumentos para justificar o pedido, a MMX afirmou também ter um "futuro promissor pois é uma empresa viável com ou sem expansão". A MMX

tinha projeto para expandir a produção para 29 milhões de toneladas por ano que não foi implementado.

27-22/10/2014

Novos governadores terão recursos para investir

Por Marta Watanabe, Diogo Martins, Marcos de Moura e Souza, Sérgio Ruck Bueno e Marina Falcão | De São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre e do Recife

Os governadores que irão assumir a partir do ano que vem os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina terão, juntos, R\$ 50 bilhões em empréstimos autorizados ou contratados para realizar investimentos no decorrer do mandato. Num ano em que a expectativa é de continuidade do quadro de desaceleração econômica, esses recursos ajudarão os novos governantes a iniciar os mandatos sem depender tanto de novos pedidos de elevação de endividamento ao Tesouro Nacional.

Entre financiamentos autorizados e contratados, São Paulo tem R\$ 31 bilhões em empréstimos que poderão ser aplicados nos próximos anos, diz o secretário da Fazenda paulista, Andrea Calabi. Desde 2008, explica, foram autorizados R\$ 46 bilhões em financiamentos para São Paulo, incluindo R\$ 7 bilhões solicitados em 2014 no Programa de Ajuste Fiscal.

Do montante autorizado, o Estado já contratou R\$ 30 bilhões, dos quais R\$ 15 bilhões entraram no caixa do Tesouro paulista. Segundo o secretário, entre empréstimos contratados que ainda não entraram no caixa estadual e empréstimos autorizados e ainda não contratados, há R\$ 31 bilhões que São Paulo poderá administrar no próximo mandato.

Apesar do grande volume de recursos de financiamentos autorizados e contratados, o próximo ano "levanta uma ruga de preocupação" segundo Calabi. O desafio será, num ano com perspectiva de baixo crescimento, fazer com que o Estado tenha os recursos não só para os investimentos diretos mas também para as contrapartidas que forem necessárias aos financiamentos.

Dependendo da situação econômica e da arrecadação, diz ele, o Estado poderá utilizar mecanismos para gerar receitas extraordinárias e garantir os investimentos de R\$ 26,8 bilhões propostos para o Orçamento de 2015, primeiro ano do novo mandato do governador reeleito, Geraldo Alckmin (PSDB).

Segundo Calabi, o Estado vai manter a estratégia de solicitar aumento de endividamento. Os empréstimos necessários para 2015 estão encaminhados, mas será preciso garantir o fluxo para investimentos futuros. A proposta de Orçamento paulista

para 2015 estima receita de R\$ 204,6 bilhões, com arrecadação de R\$ 129 bilhões de ICMS. Dos R\$ 26,8 bilhões em investimentos previstos, R\$ 10,5 bilhões serão feitos com recursos de operações de crédito.

Minas Gerais obteve nos últimos anos autorização do governo federal para contrair cerca de R\$ 10 bilhões em dívidas. Desse total, o governo já contratou R\$ 7,7 bilhões. Até o fim do ano, segundo o secretário, a previsão é que entrem R\$ 3,2 bilhões, e em 2015 mais R\$ 2,3 bilhões. "O próximo governo de Minas Gerais ainda teria espaço para obter mais empréstimos", diz o secretário da Fazenda, Leonardo Colombini.

Minas tem, portanto, ainda margem para contrair cerca de R\$ 2,3 bilhões em empréstimos. O atual governo diz ter negociações já avançadas com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para tomar R\$ 1,1 bilhão. Mas esse será provavelmente um assunto para o governador eleito, Fernando Pimentel (PT), resolver.

O governo de Minas prevê para 2015 um aumento de 11,1% da sua receita total, para R\$ 83 bilhões. O ICMS, principal fonte de receita, deve subir cerca de 10%, mais do que projetado para este ano, que é 8%. Fortemente dependente das indústrias siderúrgica e cafeeira, o Estado conta, sobretudo, com uma melhora do mercado de minério de ferro.

"Minas sente mais do que muitos outros Estados quando há problemas no mercado externo. Mas imaginamos que em 2015 o minério de ferro terá uma melhora de preço. Outro fator que deverá ajudar é o crescimento mais forte da China", diz Colombini. A previsão para 2014 de crescimento da economia de Minas foi frustrada. Dos 3% projetados no Orçamento deste ano, Colombini diz que o mais provável é que se registre avanço de 1%. O projeto de Orçamento para 2015 inclui investimentos R\$ 13,9 bilhões, sendo R\$ 7,7 bilhões de empresas públicas.

No Rio Grande do Sul, o próximo governador assumirá com R\$ 1,5 bilhão em operações de crédito já contratadas e R\$ 150 milhões em financiamentos autorizados pelo Tesouro Nacional, mas ainda não contratados. Desse total, R\$ 946,5 milhões estão previstos no Orçamento de 2015, para bancar parte dos R\$ 2,51 bilhões em investimentos projetados pelo governo gaúcho. As linhas exigem contrapartidas de pouco menos de 20% pelo Estado.

Segundo o secretário da Fazenda do Rio Grande do Sul, Odir Tonollier, desde 2010 o Tesouro autorizou R\$ 4,9 bilhões em financiamentos para o Estado, dos quais R\$ 1,35 bilhão ingressou no caixa até o fim de 2013. As fontes de financiamento incluem BNDES, Banco do Brasil, Banco Mundial e BID e em 2014 entrará mais R\$ 1,9 bilhão, o que garantirá com folga os investimentos do Estado, previstos em R\$ 1,5 bilhão, com alta de 5% nominais sobre 2013.

O Orçamento do governo gaúcho para 2015 prevê alta de 12,5% nominais nas receitas e despesas totais (exceto intraorçamentárias) sobre o projetado para 2014, para R\$ 48 bilhões, com alta nominal de 12,4% na arrecadação de ICMS em relação à projeção para

este ano, para R\$ 29,17 bilhões. O índice previsto para 2014 era de 11,2%, mas no acumulado até setembro a expansão foi de 7%, atingindo R\$ 18,76 bilhões. Segundo Tonollier, o desempenho foi afetado negativamente por fatores como a menor quantidade de dias úteis em função da Copa e o "estresse eleitoral" sobre a economia.

Mesmo assim, graças ao forte crescimento das operações de crédito - R\$ 542,3 milhões em 2013 para quase R\$ 1,9 bilhão até o fim deste ano - e também à expectativa de recuperação do ICMS no trimestre passado, Tonollier acredita que o Estado conseguirá alcançar a meta de R\$ 42,65 bilhões em receitas totais projetadas para 2014.

Em Santa Catarina, o governo conta com R\$ 6,94 bilhões em financiamentos contratados, principalmente com BNDES. Desse valor, R\$ 3,01 bilhões já ingressaram no caixa do Tesouro. Para o ano que vem, conta Romualdo Goulart, diretor de Planejamento Orçamentário da Fazenda catarinense, o Estado projeta investimento de R\$ 4,26 bilhões, com alta de 28% em relação ao estimado para este ano. Para a receita líquida disponível, diz Goulart, a proposta de Orçamento catarinense estabelece elevação de 10% em relação ao que deve ser realizado em 2014.

No Paraná, o secretário de Fazenda, Luiz Eduardo da Veiga Sebastiani, lembra que o Estado teve que ir à Justiça para solicitar ao Tesouro Nacional a liberação, pelo Banco do Brasil, de recursos do Programa de Apoio ao Investimento dos Estados e Distrito Federal (Proinveste). Contabilizando esses valores, o Estado já contratou, desde 2010, R\$ 2,06 bilhões em financiamentos, dos quais executou R\$ 1,1 bilhão até setembro. Ao Estado ainda falta assinar contrato com o BID de US\$ 67,2 milhões, para o programa Paraná Seguro.

Sebastiani conta que o Estado chegou a fazer investimentos programados com recursos próprios e que estão sendo recompostos com os empréstimos. Para o ano que vem, considerado de "incerteza", o Orçamento prevê inflação de 6% e crescimento de 3% da economia. A receita orçada para 2015 é de R\$ 43,2 bilhões, 9% a mais que a estimada para este ano.

O Orçamento do Rio de Janeiro deverá ser 7,7% maior no próximo ano do que em 2014, em termos nominais. Dessa forma, o Executivo fixou receitas e despesas em R\$ 89,3 bilhões em 2015. "É um crescimento pequeno, que reflete a desaceleração econômica", afirma o secretário de Planejamento e Gestão, Francisco Caldas.

A arrecadação com ICMS está estimada em R\$ 36,7 bilhões, aumento nominal de 9,6%. Já as receitas de royalties e participação especial serão de R\$ 9 bilhões. Os investimentos do Rio devem cair. Segundo o governo, a previsão é de queda de 17,5% em 2015 na comparação com este ano, passando de R\$ 13,2 bilhões para R\$ 10,9 bilhões. "Alguns investimentos que fizemos já foram maturados, principalmente, na área de transporte", afirma Caldas.

De qualquer forma, os investimentos irão demandar recursos de empréstimos. De 2011 até hoje, o governo do Rio contratou R\$ 24,8 bilhões em financiamentos. Desse total,

foram desembolsados até setembro passado R\$ 16,6 bilhões, restando outros R\$ 8,2 bilhões. Segundo o secretário estadual de Fazenda, Sérgio Ruy Barbosa, os recursos serão desembolsados até 2017. "O grosso dos gastos são com investimentos para a Olimpíada. Aí entram a criação da linha 4 do metrô, programas de despoluição, compra de trens", disse ele.

Atualmente, o governo fluminense não pleiteia financiamento junto ao Tesouro Nacional, mas há a possibilidade de formalizar um pedido em 2015. "Ainda não dá para bater o martelo, pois só saberemos no próximo ano, conforme o andamento dos projetos", disse Barbosa.

Em Pernambuco, a previsão de receita é de R\$ 32 bilhões no próximo ano, alta de 6% em relação a 2014. Segundo Fred Amâncio, secretário de Planejamento do Estado, a previsão é mais "conservadora" do que o desempenho dos últimos dois anos, quando as receitas avançaram 8% e 9%, respectivamente. "Sabemos que será um ano de desafios. Embora a situação de Pernambuco seja mais favorável, não estamos imunes ao contexto nacional."

Segundo o secretário, Pernambuco deve crescer cerca de dois pontos percentuais acima do Brasil em 2015. Para Amâncio, com o início das operações da refinaria de Abreu e Lima e da fábrica da Fiat, Pernambuco poderá experimentar "um solução positivo" em 2015. "É uma possibilidade. De todo modo, acreditamos que esses dois empreendimentos só devem afetar fortemente o PIB do Estado em 2016", disse.

Apesar de desaceleração no avanço das receitas, Pernambuco pretende elevar marginalmente os investimentos no próximo ano. Este ano foram investidos R\$ 3,7 bilhões. Para 2015, são previstos R\$ 3,8 bilhões. A maior parte dos recursos virá de empréstimos (R\$ 1,9 bilhão) e convênios (R\$ 1,6 bilhão).

28-22/10/2014

EXPLORAÇÃO

Gastos para não ferrosos cai 25% em 2014

De acordo com dados compilados pela SNL Metals, o orçamento mundial estimado para a exploração de não-ferrosos caiu de US\$ 15,19 bilhões, em 2013, para US\$ 11,36 bilhões neste ano, o que representa um recuo de 25%. O estudo da SNL tem como base a coleta de informações junto a quase 3.500 mineradoras mundiais, das quais quase 2 mil tinham verba de exploração para 2014. Cada empresa apresentou orçamento de no mínimo US\$ 100 mil para a exploração de não-ferrosos. Incluindo as estimativas da SNL para os orçamentos das empresas que não responderam à pesquisa, o orçamento de exploração mundial ficou em US\$ 11,36 bilhões. A exploração de metais não-ferrosos se refere a gastos com metais preciosos e metais comuns, diamantes, urânio, e alguns minerais industriais; e exclui especificamente o minério de ferro, alumínio,

carvão e petróleo e gás. Os maiores custos operacionais e de capital, minérios de teor mais baixo e a demanda incerta por algumas commodities fez com que as empresas se concentrassem em um retorno às margens, após anos seguidos de investimentos. Isto contribuiu para que houvesse a queda de 25% no orçamento de exploração global em 2014. Dentre as empresas juniores, o orçamento em exploração caiu 29%, após queda de 39%, em 2013. Com exceção da platina, os aportes para exploração de metais caiu em 2014. O ouro continua sendo o mais atraente, mesmo com retração de 31% - segundo recuo anual consecutivo – para US\$ 4,57 bilhões. Apesar do orçamento para metais comuns caírem US\$ 1 bilhão, a sua parte coletiva dos orçamentos totais aumentou 2%, atingindo o maior nível desde 2008

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

29-22/10/2014

ALUMÍNIO

Novelis desativará fábrica em Ouro Preto

A Novelis anunciou que irá fechar, até o final do ano, sua fábrica na cidade de Ouro Preto (MG). A unidade, que tem capacidade para produzir 30 mil t/ano, já havia cortado a produção em 20 mil t em 2013. A Novelis continua no Brasil focada em sua área de laminados, como chapas, folhas e embalagens, além de reciclagem de alumínio. O alto custo da energia no Brasil e a queda no preço do alumínio no mercado mundial contribuíram para a decisão. Além desses fatores, Tadeu Nardocci, Presidente da Novelis América do Sul, comenta que a fábrica era antiga e tinha baixa escala, sem condições de competir no mercado de alumínio. A fábrica mineira tem 360 funcionários, que a Novelis pretende transferir para as outras unidades.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

30-22/10/2014

VALE

Assinado aditivo de contrato na Indonésia

A Vale informou que a subsidiária PT Vale Indonésia (PTVI) assinou um aditivo ao seu contrato de operação (CoW) de 1996, que expirará em 28 de dezembro de 2025, com o Governo da Indonésia. A PTVI tem, a partir de agora o direito, de estender suas operações até 2045 por dois períodos consecutivos de 10 anos, sujeito à aprovação do governo local, uma vez que a PTVI atenda às exigências do aditivo. Entre as exigências estão a redução imediata do tamanho atual da área concedida de 190.510 hectares, que inclui as áreas de proteção ambiental, para 118.435 hectares, preservando as áreas de mineração mais relevantes. No vencimento do CoW em 28 de dezembro de 2025, a PTVI manterá 25.000 hectares como zonas mineralizadas que propõe explorar. As áreas não designadas como zonas mineralizadas após 28 de dezembro de 2025 podem ser utilizadas para operações ou outros fins. Isso representa uma renegociação do espaço territorial da concessão, o qual será suficiente para suportar os investimentos e planos de crescimento de longo prazo da PTVI ao longo do prazo do aditivo; Um royalty

progressivo de 2%, podendo alcançar 3% (a depender do preço do níquel), com o objetivo de refletir a realidade econômica do mercado do níquel; Venda de mais 20% das ações da PTVI para investidores locais na Bolsa de Valores da Indonésia. Esta proposta está alinhada com exigência do Governo da Indonésia para mineradoras integradas, de ter pelo menos 40% de seus papéis nas mãos de investidores locais na Bolsa de Valores da Indonésia. A PTVI tem mais de cinco anos para executar essa transação. A Vale manterá seu direito de offtake de 80% sobre a produção da PTVI.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

31-22/10/2014

AÇO

Produção brasileira cai 3,8% em setembro

Segundo dados do Instituto Aço Brasil (IABr), a produção brasileira de aço bruto atingiu 2,9 milhões de t em setembro, queda de 3,8% na comparação com o mesmo mês de 2013. Em relação aos laminados, a produção alcançou 2,1 milhões de t, 2,4% a menos na mesma comparação. Com esses resultados, a produção acumulada no ano totalizou 25,5 milhões de t de aço bruto e 18,7 milhões de t de laminados, quedas de 1,3% e 5%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2013. Já as vendas internas caíram 10,7% em setembro, para 1,8 milhão t de produtos. As vendas acumuladas, de 15,9 milhões de t, caíram 8,5% com relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações de produtos siderúrgicos em setembro atingiram 1.157 mil t, com receita de US\$ 714 milhões. No acumulado, a receita com vendas externas chegou a US\$ 4,9 bilhões e volume de 6,8 milhões de t, o que significa crescimento de 10,4% em volume e um aumento de 16,1% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior. No que se refere às importações, o volume alcançou 376 mil t e US\$ 370 milhões, totalizando 3,1 milhões t, aumento de 13,6% na comparação com setembro de 2013. O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos em setembro foi de 2,1 milhões de t, totalizando 18,9 milhões de t no período de janeiro a setembro de 2014, o que representa quedas de 8,5% e 5,5%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

32-22/10/2014

PREMIAÇÃO

Personalidades do Ano do Setor Mineral

A revista Brasil Mineral abriu, nesta semana, votação entre os leitores para eleição das Personalidades do Ano do Setor Mineral. Os leitores votarão a partir de uma lista com nomes dos profissionais que foram indicados pelo Conselho da revista nas categorias Minerais Ferrosos, Outros Ferrosos, Metais Preciosos, Minerais Não -Ferrosos, Minerais Não-Metálico, Exploração Mineral, Engenharia & Tecnologia Mineral e

Pioneiros da Mineração. Cada leitor receberá, por e-mail, um convite para votar e poderá escolher apenas um profissional em cada categoria. A votação vai até o dia 31 de outubro.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

33-22/10/2014

OURO

Kinross vende projeto equatoriano

A Kinross Gold Corp. assinou acordo com a Fortress Minerals Corp, um membro do Grupo Lundin of Companies, para vender todo o seu interesse na Aurelian Resources Inc. e o projeto Fruta del Norte (FDN) no Equador, por US\$ 240 milhões em dinheiro e equidade. "Estamos satisfeitos por este acordo e gostaria de agradecer ao Governo do Equador por seu apoio durante o processo de transição do projeto FDN", disse J. Paul Rollinson, CEO da Kinross. "Acreditamos que a Fortress Minerals, como parte do Grupo Lundin of Companies, está muito bem posicionada para tirar FDN para o próximo estágio de seu desenvolvimento". A transação está sujeita a determinadas condições, o que inclui aprovação de acionistas da Fortress e da bolsa de valores, além da concessão, pelo Governo do Equador, de um período de prorrogação de 18 meses a partir do fechamento da operação para dar tempo à Fortress realizar trabalho de viabilidade do projeto e desenvolvimento adicionais. A aprovação do negócio deve acontecer em meados de dezembro de 2014.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

34-22/10/2014

PRÊMIO

Vale é finalista do Swedish Steel Prize

O Swedish Steel Prize prioriza soluções novas e originais, alta qualidade e aumento da concorrência e estas são características dos quatro finalistas da edição deste ano. O vencedor será anunciado dia 20 de novembro, em cerimônia a ser realizada em Estocolmo, Suécia. "É muito emocionante fazer parte desse trabalho do júri e indicação e ver toda a criatividade em tomar os próximos passos no desenvolvimento do uso de aços de alta resistência. Durante os 16 anos em que o Swedish Steel Prize foi concedido, fomos capazes de acompanhar como a força motriz para o uso do aço de alta resistência mudou, desde o baixo peso e segurança aos benefícios ambientais e aumento da concorrência", afirmou o Presidente da comissão do júri, Gregoire Parenty, Vice-Presidente executivo e Chefe de desenvolvimento de mercado da SSAB. Quatro finalistas foram indicados para o prêmio por designs líderes no campo de aço de alta resistência. Entre eles, o caminhão basculante da Belaz, da Bielorrússia; o trailer para transporte de bebidas, da chilena Santander; Rolamentos de alimentação para colheitadeira florestal, da Timo Penttimies, Finlândia; e o Sistema de triagem da Vale.

O Hardox 450 foi projetado para ser uma nova geração de grades de triagem para aplicação, primariamente, dentro da mineração de grande escala e pedreiras. A nova grade oferece redução no tempo de paralisação, devido a um melhor fluxo do material e manutenção mais fácil, o que proporciona uma maior economia de custos e ao meio ambiente.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

35-22/10/2014

MINÉRIO DE FERRO

Produção mundial pode ter corte de 230 milhões t

Segundo o Diretor-Executivo de Commodities do Goldman Sachs, Christian Lelong, pelo menos 230 milhões t de minério de ferro deverão deixar de ser produzidas em todo o mundo até 2016, com o fechamento de minas de alto custo de produção. O executivo disse que o novo preço do minério de ferro está tirando do mercado as mineradoras chinesas, que devem ter produção reduzida em até 130 milhões t até 2016. Apesar da queda esperada por Lelong, a produção de minério para os próximos anos só tende a crescer. A China deve produzir 20 milhões t/ano, enquanto Brasil e Austrália podem adicionar cerca de 200 milhões t até 2016 com novos projetos.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 675

36-22/10/2014

USIMINAS

Ternium acusa Nippon Steel de golpe

O Grupo ítalo-argentino Techint acusa a sócia japonesa Nippon Steel de lhe aplicar golpe na Usiminas. A manobra se refere à mudança de comando que aconteceu na siderúrgica mineira, com o afastamento de três executivos argentinos. “Eles estão incomodados com as mudanças que fizemos na empresa desde nossa chegada em 2012, na busca por maior competitividade e eficiência. Querem voltar com a cultura do passado, de estatal”, disse Roberto Caiuby Vidigal, que preside os negócios da Techint no Brasil e é um dos conselheiros da Usiminas. Paolo Rocca, controlador da Ternium, pagou em 2011 R\$ 5,1 bilhões para entrar no bloco de controle acionário da Usiminas, com a intenção de definir ações conjuntas em prol da siderúrgica. O principal desentendimento aconteceu com o afastamento do então Presidente Julián Eguren e os Vice-Presidentes, Paolo Bassetti e Marcelo Chara em setembro. A Nippon sugeriu alternância de poder, mas a Techint não concorda com o rodízio. Para Vidigal, não há sentido em trocar CEO a cada dois ou quatro anos. E menos ainda o fatiamento de executivos. Não há negociação sobre isto. A Techint conversa apenas sobre o retorno dos executivos à Usiminas.

37-23/10/2014

Vale registra produção recorde de minério de ferro no 3o. trimestre

Google Plus

Por **Alessandra Saraiva | Valor**

RIO - A produção de minério de ferro da Vale atingiu 85,7 milhões de toneladas no terceiro trimestre, uma alta de 3,1% em comparação a igual período do ano passado, quando foram produzidas 83,1 milhões toneladas do insumo. Foi a melhor performance da história da empresa, segundo informou a companhia. Na comparação com as 79,4 milhões de toneladas produzidas no segundo trimestre deste ano, houve alta de 7,9%.

O desempenho foi favorecido pela aceleração da produção em Carajás, no Pará, que alcançou 32,2 milhões de toneladas no terceiro trimestre — resultado recorde e 7,9% acima de igual período no ano passado.

A produção de pelotas no terceiro trimestre foi de 11,4 milhões de toneladas, 17,6% maior que em igual período do ano passado, quando a produção foi de 9,7 milhões de toneladas. Em comparação com o segundo trimestre de 2014, houve alta de 15% na produção de pelotas.

No acumulado do ano até setembro, a produção de minério de ferro subiu 8,1% em relação a igual período no ano passado, somando 236,2 milhões de toneladas, enquanto a produção de pelotas avançou 9,6% na mesma comparação, somando 31,3 milhões de toneladas.

(Alessandra Saraiva | Valor)

38-23/10/2014

Produção de minério de ferro da Anglo American sobe 37% no 3o. tri

Por **Renato Rostás | Valor**

SÃO PAULO - A Anglo American produziu 12,9 milhões de toneladas de minério de ferro no terceiro trimestre, revelou a companhia em seu relatório de produção. O volume ficou 37% maior do que o apresentado no mesmo período do ano passado.

Segundo a empresa, a redução de impurezas na mina de Sishen, na África do Sul, e melhorias implementadas no complexo minerário ajudaram a impulsionar o total extraído entre julho e setembro. Com a estabilização da atividade a partir de um novo modelo operacional iniciado em agosto, o grupo espera entregar produção mais previsível e sustentável.

Além disso, a companhia informou que segue o cronograma para iniciar as operações no projeto Minas-Rio. A mineradora disse que o embarque do primeiro minério de ferro está próximo e que no porto do Açú já iniciou a abertura de espaço para estocagem.

A aproximação da abertura dos negócios com o projeto brasileiro faz com que a meta de produção do minério no ano provavelmente fique próxima ao teto, disse a empresa. O total era esperado entre 44 milhões de toneladas e 46 milhões de toneladas, mas agora é projetado entre 45 milhões de toneladas e 46 milhões de toneladas.

O relatório também mostra que a Anglo American produziu 5,1 milhões de toneladas de carvão metalúrgico para exportação no trimestre, com aumento de 4%, enquanto o volume de carvão térmico caiu 4%, para 9 milhões de toneladas. A expectativa para 2014 foi de algo próximo a 20 milhões de toneladas total de carvão metalúrgico para até 21 milhões de toneladas. Para o carvão térmico a previsão não mudou.

O grupo também produziu 176,9 mil toneladas de cobre, queda de 15% em um ano, e 10,7 mil toneladas de níquel, avanço de 13%. No segmento de platina, a produção foi a 460 mil onças, forte recuo de 31%, por conta de greves dos trabalhadores na África do Sul.

(Renato Rostás | Valor)

39-23/10/2014

Lucro da Norsk Hydro dobra no 3o.trimestre, na comparação anual

Por **Olivia Alonso** | Valor

SÃO PAULO - A empresa norueguesa de alumínio Norsk Hydro registrou lucro líquido de 665 milhões de coroas norueguesas no terceiro trimestre deste ano (US\$ 101 milhões), pouco mais do dobro do lucro de 321 milhões de coroas norueguesas (US\$ 48,6 milhões) no mesmo período do ano passado. A receita da companhia cresceu 22% na mesma comparação, para 19,7 bilhões de coroas norueguesas (US\$ 2,9 bilhões).

A redução dos custos da Alunorte, refinaria de alumina da empresa localizada em Barcarena (PA), e a melhora dos preços do metal contribuíram para o desempenho mais positivo da companhia no período. A empresa diz em nota que a divisão de bauxita e alumina, cujos ativos estão todos no Brasil, apresentou melhora significativa no terceiro trimestre. Essa divisão foi responsável por 19% das receitas totais da empresa no trimestre.

“Os custos operacionais da Hydro Alunorte estão baixando e esta é uma excelente oportunidade para atingirmos nossas metas”, disse em nota o presidente-executivo da Hydro, Svein Richard Brandtzæg.

No caso do alumínio, ele destacou que os preços continuaram a crescer neste trimestre, refletindo um “mercado mais acirrado que vimos no trimestre passado e a continuação

do equilíbrio de déficit no mercado”. Brandtzæg afirmou que a demanda de alumínio está crescendo no mundo, entre 3% e 4%, excluindo a China, e cita o aumento do uso do metal no setor automotivo como outro fator positivo.

A Hydro produziu 2,3 milhões de toneladas de bauxita no terceiro trimestre deste ano, 51% acima do volume do mesmo período do ano passado, e 1,478 milhão de toneladas de alumina, 12% mais do que no terceiro trimestre de 2013. A produção de alumínio primário da companhia somou 487 mil toneladas, queda de 1% em relação ao terceiro trimestre do ano passado.

No Brasil, a empresa também tem participação na fabricante de extrudados de alumínio Sapa e afirmou que a demanda por esse tipo de produto no país “continuou fraca” no terceiro trimestre do ano.

40-23/10/2014

Cidade sueca será transferida para não ser tragada pela maior mina do mundo

Remoção de Kiruna gera dilema para moradores, que temem não ter como pagar novos imóveis.

Por O Globo

STOCOLMO - Não é comum ver uma cidade fazer as malas e pôr o pé na estrada, mas é exatamente isso o que está acontecendo com Kiruna, um município no Círculo Ártico, ao norte da Suécia. E a transferência tem um caráter de urgência: evitar que ela seja engolida pela maior mina de minério de ferro do mundo.

“É uma opção distópica”, disse ao jornal britânico “The Guardian” Krister Lindstedt, do White, um escritório de arquitetos com sede em Estocolmo, encarregado de executar a tarefa bíblica de mudar 23 mil pessoas três quilômetros a leste, para afastá-las de uma mina gigante de minério de ferro, que vem devorando a terra sob as ruas da cidade. “Ou a mina para de produzir, criando desemprego em massa, ou a cidade tem que mudar — do contrário enfrentará destruição certa. É um problema existencial.”

Fundada em 1900 pela mineradora estatal Luossavaara-Kiirunavaara (LKAB), Kiruna se desenvolveu próspera em meio à vasta jazida de minério de ferro que se acumula sob a cidade. Agora, no entanto, enfrenta o risco de destruição pelo mesmo fenômeno que criou sua riqueza.

“Somos simbióticos: a cidade existe por causa da mina”, disse ao “Guardian” o prefeito Niklas Siren. “Pois ninguém faria uma cidade aqui.”

Localizada a 145 quilômetros dentro do Círculo Polar, Kiruna se submete a um clima brutal, com invernos longos, falta de luz do sol e uma temperatura média abaixo de 15 graus centígrados negativos. Porém, o profundo poço de magnetita se mostrou robusto o suficiente para manter as pessoas por lá. Estimulada pelo insaciável apetite global por construções, a mina se tornou a maior área de extração de minério de ferro, produzindo

90% de todo o ferro da Europa, o suficiente para construir mais de seis torres Eiffel por dia. E a demanda continua a crescer.

VIDA NO LIMBO

Em 2004, a companhia mineradora informou à cidade que seus dias estavam contados: escavar seus túneis rumo à cidade em um ângulo de 60 graus em breve provocaria rachaduras e o colapso de edifícios. Uma década depois, as fissuras estão começando a aparecer no chão, cada vez mais próximas ao município.

“As pessoas de Kiruna estão vivendo no limbo há pelo menos dez anos”, disse ao “Guardian” a antropóloga social Viktoria Walldin, que trabalha com os arquitetos. “Elas estão com suas vidas paralisadas, incapazes de tomar grandes decisões, como comprar um imóvel, redecorar a casa, ter filhos ou abrir um negócio.”

Após anos de indecisão, enfim, o município anunciou um plano geral sobre como vai proceder. “Imagine isso como uma centopeia andando de uma cidade”, disse Lindstedt, desenrolando um mapa que revela as ruas e os quarteirões da cidade começando a engatinhar rumo a leste a uma nova rua da cidade, até que todo o lugar tenha mudado com segurança para fora da zona de impacto da mina. A operação está prevista para ser concluída até 2033.

Um novo quarteirão já está sendo construído, três quilômetros a leste, com uma prefeitura circular desenhada pelo arquiteto dinamarquês Henning Larsen. Vinte prédios cruciais já foram identificados para serem desmantelados e reconstruídos, peça por peça, em sua nova localização. A igreja de Kiruna, feita de madeira vermelho-ferrugem, construída em 1912 num formato que evoca as tendas indígenas dos Samis — e que já foi eleita como o prédio mais bonito da Suécia —, será reerguida em um novo parque, ao passo que a torre do sino de ferro fundido voltará para o alto da sede da prefeitura.

Mas nem tudo poderá ser salvo.

“Falei com uma velha senhora que até hoje passa pelo banco da praça, onde deu o seu primeiro beijo”, disse Walldin. “São coisas como essas — o hospital onde seu primeiro filho nasceu — que são importantes para o sentido de identidade das pessoas. E isso vai desaparecer.”

NOVO PADRÃO DE VIDA

Tachado como “a iniciativa mais democrática da História”, o projeto recebeu US\$ 514 milhões da mineradora para a construção de novas instalações, inclusive uma escola ginásial, uma sede para o Corpo de Bombeiros, um centro comunitário, biblioteca e um salão de piscina. Mas a preocupação principal das pessoas é onde exatamente elas vão viver e qual o processo que vai determinar a disposição dos imóveis.

“Esses detalhes ainda não foram determinados”, admite Lindstedt. “As pessoas estão acostumadas a aluguéis bem baratos e alta renda, mas no futuro isso terá que mudar.”

A estatal vai compensar os residentes pagando o valor de seus imóveis e mais 25%, mas muitos moradores dizem que o valor não é suficiente para bancar uma residência nova pelo preço atual do mercado imobiliário.

Para ajudar o processo de avaliação, os arquitetos vêm observando ao longo dos anos as locações residenciais em cidades próximas, e “marcaram” os imóveis em Kiruna

segundo os ativos que possuem, do espaço interno e jardins à proximidade do ponto de ônibus e do Centro da cidade. Eles também propuseram um “Portal Kiruna”, uma espécie de feirão, para onde os moradores podem levar os materiais dos imóveis condenados, para ser reciclados na construção de novos imóveis.

Um olhar mais atento ao plano revela que a nova cidade tem pouco a ver com a Kiruna original. A cidade atual é uma rede suburbana que se alastra em ruas sinuosas, onde há residências isoladas com jardins. O plano da White incorpora um arranjo muito mais denso com blocos de prédios de apartamentos em torno de pátios compartilhados, avenidas retas, por meio das quais o vento gelado vai soprar.

É uma oportunidade, dizem os arquitetos, para Kiruna “se reinventar” num modelo de desenvolvimento sustentável, atraindo jovens que não viveriam na cidade antes, e com novos equipamentos culturais e elementos “visionários”, tais como um teleférico balançando sobre a rua. Mas trata-se também de uma visão que muitos dos atuais residentes parecem não ter condições de arcar.

41-23/10/2014

Custo menor com minério de ferro impulsiona lucro da Posco no 3o tri

SEUL (Reuters) - O grupo siderúrgico sul-coreano Posco divulgou nesta quinta-feira o maior lucro operacional em cinco trimestres, com menores custos com matérias-primas ajudando a apoiar margens.

A sexta maior produtora de aço do mundo também afirmou que espera que a demanda suba "levemente" no atual trimestre sobre os três meses anteriores, citando uma melhora na indústria automotiva e fatores sazonais.

A Posco afirmou que o lucro operacional de julho a setembro somou 635 bilhões de won (601,66 milhões de dólares) ante 443 bilhões de won no mesmo período do ano passado. O resultado se compara a uma estimativa média de 601 bilhões de won obtida em pesquisa da Reuters junto a 22 analistas. A receita da companhia caiu 2 por cento, para 7,29 trilhões de won.

(Por Hyunjoo Jin)

42-24/10/2014

Ferro brasileiro perde espaço para australiano na China

O minério de ferro tem sido nos últimos anos o principal produto de exportação do Brasil

importações chinesas de minério de ferro do Brasil cresceram 13% no acumulado do ano até o final de setembro, enquanto os desembarques do produto da Austrália na China aumentaram 33,5%, indicando que o produto brasileiro perdeu participação no principal mercado global da commodity.

Os dados foram divulgados nesta quarta-feira pela alfândega da China. Ainda de acordo com o órgão chinês, as importações totais chinesas cresceram 16,5% no acumulado do ano, em um momento que as maiores mineradoras australianas aumentam a extração em ritmo mais forte que a brasileira Vale, a maior produtora global de minério de ferro.

O total importado de minério de ferro da Austrália pela China somou no período 406 milhões de toneladas, 58% do total das cerca de 700 milhões de toneladas desembarcadas no maior importador global no ano até setembro.

Enquanto isso, o volume de compras do produto brasileiro pelos chineses - exportado majoritariamente pela Vale - somou aproximadamente 125 milhões de toneladas, de janeiro a setembro, ou 17,9% do total importado pelos chineses.

No mesmo intervalo de 2013, a China havia importado 600 milhões de toneladas, com a Austrália fornecendo 304 milhões de toneladas (participação de 51% do total) e o Brasil 111 milhões (18,4% do total), segundo o mesmo órgão do governo chinês.

Vale x Rio Tinto e BHP

Esse aumento de participação do minério da Austrália, maior exportador global, no mercado chinês ocorre em um momento em que as mineradoras Rio Tinto e BHP ampliam a produção em ritmo mais forte do que a Vale.

A mineradora brasileira divulga seu relatório de produção do 3º trimestre na manhã de quinta-feira.

A Vale planeja elevar a produção em 2014 em 4%, para 312 milhões de toneladas, ante aproximadamente 300 milhões em 2013, quando a empresa registrou um recuo de 3%

em sua extração anual, por restrições na capacidade de transporte do commodity em Carajás, no Pará, além de chuvas fortes em minas do Sudeste.

Já a anglo-australiana Rio Tinto, que divulgou seus dados do 3º trimestre, aumentou em 12,4% a produção de minério de ferro no período, e reafirmou a sua meta de elevar em 11% sua extração em 2014, para 295 milhões de toneladas.

E a BHP planeja aumentar sua produção de minério de ferro para 245 milhões de toneladas no ano financeiro vigente, ante 225 milhões de toneladas do período 2013/14 (alta de 9%). A empresa espera ampliar a produção para 290 milhões de toneladas nos próximos anos.

O minério de ferro tem sido nos últimos anos o principal produto de exportação do Brasil.

Citi prevê mais quedas

A propósito, relatório do Citi Research desta semana prevê que a produção de minério de ferro da Vale (incluindo pequenos volumes da Samarco, joint venture da Vale e BHP) deverá recuar 2 milhões de toneladas no 3º trimestre em relação ao mesmo período do ano passado, para 84 milhões de toneladas.

A queda na produção da Vale ocorreria em um período em que o preço de exportação do minério de ferro do Brasil atingiu mínimas de mais de quatro anos, sob influência do mercado global, pressionado pelo aumento expressivo da oferta, especialmente das companhias australianas.

Procurada, a Vale informou por meio de sua assessoria de imprensa que não comenta as informações, e lembrou que os números sobre vendas para a China serão conhecidos na divulgação de resultados do 3º trimestre, agendada 30 de outubro.

O Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), que representa as mineradoras do país, também não fez imediatamente comentários sobre o assunto.

Fonte: Terra

43-24/10/2014

X2 Resources: nasce uma gigante

A X2 Resources é a mais nova empresa do Sul Africano Mick Davis, ex-Xstrata. A nova empresa já começa com US\$4,8 bilhões para aquisições e poderá levantar até US\$16 bilhões se necessário. Estar capitalizado no meio de uma crise é o melhor dos universos.

A X2 Resources e seus técnicos, a maioria vindo da Xstrata, acredita que existe uma boa oportunidade. O principal objetivo da X2 é o da aquisição de ativos minerais que possam se desenvolver em verdadeiros world class. Ela conta com um time experiente e com o suporte de grandes investidores como o Noble Group e o TPG Capital.

Fonte: www.geologo.com.br

44-24/10/2014

Belvedere pode ganhar parque

Depois de quase dez anos de impasse entre ambientalistas, poder público e empresários, o Conselho Municipal de Meio Ambiente (Comam) da capital definiu que uma propriedade de cerca de 1 milhão de m² às margens da serra do Curral, no bairro Belvedere, na região Centro-Sul de Belo Horizonte, deverá ser recuperada. O objetivo é transformar o local, que foi explorado pela empresa Mineração Lagoa Seca até 2012, em uma área de interesse público. Até o fim de janeiro, a mineradora deverá entregar ao Comam um plano de recuperação e, até setembro de 2015, um cronograma de aproveitamento do espaço.

Palco de diversos incêndios no começo deste mês, o terreno teve mais de 60 hectares de vegetação consumidos pelo fogo, o equivalente a 75 campos de futebol. Ambientalistas e vizinhos da área defendem a criação de um parque ecológico no lugar. “Iria aumentar muito a qualidade de vida da região”, disse o presidente da Associação dos Amigos do Bairro Belvedere, Ubirajara Pires Glória.

A concessão do terreno à empresa foi renovada em 2005, e duas das condicionantes estabelecidas para a liberação de licenças ambientais determinavam que a área deveria ser revertida para uso público ou coletivo após o fim do prazo de concessão, que ocorreu em abril de 2012. Segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, os empreendedores pediram revisão das condicionantes, mas a solicitação foi negada pelo Comam no último mês de setembro.

Duas grandes construtoras ainda teriam apresentado um anteprojeto para a construção de um conjunto de edifícios comerciais no local. A intenção gerou protestos de diversos grupos de moradores e de proteção ambiental, como a Associação Mineira de Defesa do Ambiente (Amda). De acordo com informações divulgadas no site da Mineração Lagoa Seca, a exploração do terreno acontecia desde a década de 50. A reportagem tentou, por diversas vezes, contato com representantes da empresa, mas não obteve retorno.

Segundo o líder do Movimento Pró-Parque Lagoa Seca, Adriano Peixoto, a associação coletou mais de 5.000 assinaturas a favor da preservação da área. “A gente não vê outra alternativa pública e coletiva melhor do que o parque. Eles (a mineradora) exploraram o lugar por mais de 50 anos, e é hora de reverter isso para a sociedade”, defendeu. O biólogo da Amda, Francisco Mourão, disse que os incêndios tornarão a recuperação do local mais difícil. “A recuperação de uma área de mineração já é muito difícil, mas o processo fica mais fácil quando a vegetação do entorno está em boas condições”.

Fonte: Infomine

45-24/10/2014

Brazil Resources: dificuldade em lavrar gera queda das ações

A Brazil Resources foi protagonista de uma queda que a levou aos noticiários especializados. Ela teve a pior queda percentual em uma tarde na Bolsa de Toronto. As ações da junior caíram 11,43%, superando na queda a Titanium Corp (-9,63%) e a Focus Graphite (-7,32%). Como a maioria das junior companies, a Brazil Resource está tendo dificuldades de sair da pesquisa para a lavra.

Os seus projetos de ouro, situados no Pará, com recursos 43-101, estão ainda na fase das promessas e a empresa, descapitalizada, enfrenta a lentidão do DNPM para iniciar a produção. Enquanto isso os investidores, descrentes, começam a vender as ações criando fortes baixas. Somente ontem as ações da Brazil Resources caíram 10,4%.

Fonte: www.geologo.com.br

46-24/10/2014

Onde estão as megadescobertas da pesquisa mineral?

Um dos efeitos da crise e da queda dos preços dos metais básicos é o consequente desinvestimento no setor da pesquisa mineral. As junior companies reduziram os seus orçamentos para a pesquisa mineral (veja gráfico) na mesma proporção da queda dos preços. Mais ainda, as juniors, que são responsáveis pela maioria das descobertas minerais no mundo, estão sendo forçadas a mudar a estratégia de curto e médio prazo. Coagidas pelo mercado, estão focando na produção como uma alternativa viável para a sobrevivência.

Aquela junior que ainda não está em produção terá grandes dificuldades para conseguir financiamentos, já que os investidores, cautelosos, estão apostando somente naquelas mineradoras capazes de criar um fluxo de caixa próprio. Esta tendência gera um fato novo que vai impactar as descobertas e os mercados mundiais no médio-longo prazo: a não descoberta das grandes jazidas minerais. As megadescobertas normalmente ocorrem em regiões pouco exploradas e durante grandes projetos de pesquisa mineral: os grassroots que, no momento são praticamente inexistentes.

No cenário atual as junior companies, acossadas pela falta de financiamento, são obrigadas a se concentrar na lavra e na pesquisa mineral em torno das jazidas conhecidas. É a pesquisa mineral chamada de “brownfields exploration” cujas chances de sucesso são bem maiores mas que raramente geram grandes descobertas. Esta solução, que parece fazer sentido, vai causar uma enorme deficiência no futuro: os programas de pesquisa mineral de longo prazo, os chamados greenfields, ou grassroots, já desapareceram e com eles as perspectivas das grandes descobertas minerais.

Esse fenômeno vai gerar, no médio prazo, uma menor oferta de vários metais, graças ao fechamento das minas antigas e a não substituição dessas pelas novas grandes descobertas. Será a inflexão da curva de preços do gráfico e o início de um novo ciclo, que segundo acreditamos não está tão longe... Prepare-se!

Fonte: www.geologo.com.br

47-24/10/2014

PANORAMA DA MINERAÇÃO EM GOIÁS E DISTRITO FEDERAL

O DNPM divulgou o informativo “Desempenho do Setor Mineral Goiás e Distrito Federal 2014”, que tem como objetivo destacar o significado da mineração na economia local, mostrando sua potencialidade através de levantamentos estatísticos em quantidade e valor, visando, por meio de investimentos, obter um melhor aproveitamento econômico.

Segundo a Secretaria da Indústria e Comércio, Goiás é considerado a Estado com a terceira maior indústria mineral do País onde, nos últimos três anos (2011-2013), o setor mineral recebeu mais de R\$ 3 bilhões em investimentos privados. Para o período 2014-2016, os investimentos devem chegar a R\$ 4 bilhões.

Investimentos produtivos nos setores industrial e de serviços em Goiás alcançarão R\$ 30,2 bilhões até 2016, dos quais R\$ 8,08 bilhões (26,7%) correspondem à atividade de mineração e beneficiamento com 22 projetos. Um dos projetos, em fase de estudos, prevê a implantação de uma indústria para exploração de jazida de terras raras - conjunto de elementos químicos utilizados em diversas indústrias - no município de Minaçu, região norte do Estado. O investimento previsto é de até R\$ 1,2 bilhão, aponta o protocolo de intenção assinado entre Goiás e a Mineração Serra Verde, empresa do Grupo Mining Ventures Brasil (MVB). Outro importante projeto trata-se da mineradora Anglo American, em Catalão, que anunciou investimentos de US\$ 1,35 bilhão para aumentar a produção de nióbio e fosfato sendo, US\$ 1 bilhão para dobrar a produção de fosfato, a partir do segundo semestre de 2014, e US\$ 350 milhões para aumentar a produção de nióbio, visando mudar a forma como o metal é extraído do solo e assim prolongar a atividade na cidade, que já faz a extração do metal há mais de 40 anos. Além disso, a expectativa é de que o negócio gere 800 vagas de emprego na região.

Mais informações: www.dnpm.gov.br

Fonte: Minérios e Minerales

48-24/10/2014

ANGLO INICIA PRIMEIRO CARREGAMENTO DE MINÉRIO DE FERRO

Navio já está atracado no Porto do Açú, no Rio de Janeiro

A Anglo American anunciou ontem que deu início ao primeiro carregamento de minério de ferro do projeto Minas-Rio. O navio, que será utilizado para o transporte do insumo siderúrgico, já está atracado no Porto do Açú, em São João da Barra (RJ). O cargueiro de bandeira panamenha "Key Light", que chegou ao terminal portuário na manhã da última quarta-feira, tem capacidade de transportar até 80 mil toneladas.

Apesar de iniciar o carregamento da embarcação, a mineradora não divulgou a data em que o primeiro embarque do projeto será realizado. O volume e o país de destino do minério também não foram divulgados pela companhia.

O Minas-Rio, orçado em US\$ 8,8 bilhões, recebeu no mês passado as últimas licenças ambientais necessárias para iniciar as operações. O cronograma prevê o primeiro embarque até o final deste ano.

No final de setembro, o Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam), vinculada à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), concedeu a licença de operação (LO) para as atividades do complexo minerário do projeto, instalado nos municípios de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, ambos no Médio Espinhaço.

Também em setembro, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) concedeu a LO do mineroduto de 529 quilômetros entre Conceição do Mato Dentro e o terminal portuário no litoral fluminense. Há alguns meses a empresa vem realizando testes e comissionamento dos equipamentos do projeto. Em agosto, a companhia anunciou a chegada segura da polpa de minério bombeado por meio do mineroduto até o Porto do Açú.

O Minas-Rio terá capacidade instalada de 26,5 milhões de toneladas/ano de minério de ferro. O processo de ramp up deverá levar entre 18 meses e 20 meses para ser concluído. Em 2015, a empresa estima uma produção entre 11 milhões de toneladas e 15 milhões de toneladas.

Fonte: Diário do Comércio

